UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

Jéssica Cabede Pimentel

DO BRAILE À TECNOLOGIA: UM ESTUDO DO MERCADO EDITORIAL EM PROL DOS DEFICIENTES VISUAIS

Rio de Janeiro

2019

Jéssica Cabede Pimentel

DO BRAILE À TECNOLOGIA: UM ESTUDO DO MERCADO EDITORIAL EM PROL DOS DEFICIENTES VISUAIS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Produção Editorial.

Orientador: Prof. André Fábio Villas-Boas

Rio de Janeiro

2019

DO BRAILE À TECNOLOGIA: UM ESTUDO DO MERCADO EDITORIAL EM PROL DO DEFICIENTES VISUAIS

Jéssica Cabede Pimentel

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por

Prof. Dr./ Drª/ Ms. / Esp. Nome Completo – orientador
ANDRÉ FÁBIO VILLAS BOAS

Prof. Dr./ Drª/ Ms. / Esp. Nome Completo
ISABEL SIQUEIRA TRAVANCAS

Prof. Dr./ Drª/ Ms. / Esp/Nome Completo
MÁRIO FEIJÓ BORGES MONTEIRO

Aprovada em: 03/12/2019

Grau:

Rio de Janeiro/RJ

2019

CIP - Catalogação na Publicação

C114b

Cabede Pimentel, Jéssica
Do Braile à tecnologia: Um estudo do mercado editorial em prol dos deficientes visuais. / Jéssica Cabede Pimentel. -- Rio de Janeiro, 2019.
73 f.

Orientador: André Fábio Villas-Boas.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Produção Editorial, 2019.

1. Deficientes Visuais. 2. Braile. 3. Audiolivros. I. Fábio Villas-Boas, André, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar preciso dizer obrigada aos meus pais, Glória e Artur, por terem batalhado por mim e por me guiarem até aqui. Meus quatro anos na faculdade não foram fáceis e nem agradáveis, de casa até o campus são mais de duas horas de distância, mas foi por eles e para eles esse diploma.

Minhas avós, Alice e Gilda, que também foram importantes nessa jornada por todo o acolhimento quando as coisas apertaram, e meus avôs, Antônio e Artur, que infelizmente não estão mais nesse plano, sei que de onde estiverem me ajudaram a vencer todas as dificuldades que apareceram pelo caminho.

Minha irmã Alice, pelo apoio de irmã mais nova e por me ensinar a ter mais paciência e correr atrás dos meus sonhos.

Meus padrinhos, Vera e Armindo, que foram, e são, muito importantes em minha vida e estão do meu lado em todos os momentos.

Agradeço meu namorado Sergio que, por mais de três anos, me faz uma pessoa mais feliz, obrigada por entender e me acalmar nos últimos seis meses com toda a correria deste trabalho.

Aos meus amigos, que são muitos para citar, por todas as palavras ditas quando mais precisei.

No meio acadêmico encontrei professores que foram essenciais para me espelhar e tentar ser uma ótima profissional, assim como eles. Pude ter a honra de tê-los como orientador e banca. Muito obrigada, André Villas-Boas, por aceitar esse desafio comigo e ter sido tão atencioso.

E aos professores, Isabel Travancas e Mário Feijó – banca –, por todas as vezes que me ajudaram, psicologicamente e burocraticamente, nesses dois anos em Produção Editorial.

Não foi fácil, mas sem vocês nada disso seria possível.

Obrigada, de coração.

“Na escada da vida, os degraus são feitos de livros.”

(Dorina Nowill)

RESUMO

Os processos tecnológicos sofridos nas últimas décadas contribuíram para diversas modificações históricas na nossa sociedade, os meios de comunicação proporcionaram experiências extremamente eficazes e inovadoras. Neste trabalho o objetivo é compreender os não videntes em seu papel de consumidor, desenvolvendo um estudo do mercado editorial em prol dos deficientes visuais com base no Sistema Braile e nos audiolivros, buscando entender até que ponto estes recursos são instrumentos informativos, se houve um aumento na propagação da informação para esse público e se podemos classificar ambos como mecanismos de inclusão social.

Palavras-chave: Deficiente Visual. Sistema Braile. Audiolivro.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8

2 OS DEFICIENTES VISUAIS 10

2.1 A HISTÓRIA DO BRAILE 14

2.2 O BRAILE NO BRASIL 19

2.3 FIGURAS E INSTITUIÇÕES DESTAQUE 21

2.4 AS EDITORAS E O BRAILE 26

3 A TECNOLOGIA E O SURGIMENTO DOS AUDIOLIVROS 31

3.1 OS AUDIOLIVROS COMO INSTRUMENTO DE INFORMAÇÃO 34

3.2 O USO DOS AUDIOLIVROS ENTRE OS DEFICIENTES VISUAIS E OS VIDENTES 36

3.3 O INVESTIMENTO DO MERCADO EDITORIAL NOS AUDIOLIVROS 38

4 MODO DE PRODUÇÃO DO LIVRO EM BRAILE E AUDIOLIVRO (FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS E INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT) 40

4.1 O IMPACTO DOS AUDIOLIVROS NO MERCADO EDITORIAL 50

4.2 PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS COLETADOS 55

4.3 AVANÇO E INCLUSÃO 61

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 67

REFERÊNCIAS 69

1 INTRODUÇÃO

Durante meu curso em Produção Editorial, surgiram algumas inquietações perante tudo o que estava sendo ensinado. Tive aulas ótimas de matérias superinteressantes com professores respeitados e consagrados, todavia poucas referências sobre acessibilidade. O contato com os audiolivros[1], por exemplo, quase não existiu.

Na vida apressada que temos e cada vez com cobranças mais altas, é difícil pararmos para analisar o quanto estamos impactados diretamente e indiretamente com estímulos visuais no nosso cotidiano. Pensando nisso e me colocando no lugar dos deficientes visuais, me senti um pouco decepcionada em como essa representação é tão pouco abordada dentro de uma Universidade que deveria ser para todos. Cursar Produção Editorial me intrigou de uma maneira que quis tentar entender como aqueles que possuem baixa ou nenhuma visão conseguem ter acesso à informação, proporcionando um ótimo tema para pesquisa. Por isso, o meu Trabalho de Conclusão de Curso visa estudar o mercado editorial em prol dos deficientes visuais.

O avanço tecnológico tem propiciado cada vez mais novos recursos pedagógicos para aqueles carentes de visão. Destacam-se os audiolivros, além de outros artefatos como o tradicional livro em Braile[2] e as impressões em 3D, entre outros.

Um levantamento feito pela União Mundial de Cegos constatou que apenas 5% dos livros publicados no mundo são adaptados para sua leitura em Braile, o que nos faz refletir o quanto de informação está sendo privada ao portador de deficiência visual. No mercado editorial, as tecnologias foram se adaptando e se transformando ao decorrer dos anos, como o surgimento do próprio Kindle – um dispositivo portátil capaz de permitir aos usuários baixarem, comprarem e lerem livros em formato digital – cuja portabilidade facilitou a vida daqueles que não têm tempo livre para dedicar-se exclusivamente à leitura de livros físicos, podendo aproveitar com mais comodidade o tempo gasto no transporte ou em intervalos curtos entre atividades, por exemplo.

Não demorou muito para que os audiolivros ganhassem força em países com mercados editoriais mais avançados. Além de buscarem a otimização do tempo, muitas pessoas começaram a achar mais prático escutar do que ler. Este recurso também beneficiou um público

---

[1] Audiolivro: Gravação do conteúdo de um livro narrado geralmente por um(a) ator (atriz) ou dublador(a) em voz alta em um estúdio próprio para tal acontecimento ou em um ambiente com equipamentos para gravação. Também conhecido pelo termo *"livro falado"*.

[2] Braile: Sistema de escrita tátil que faz uso de pontos em relevo para facilitar a leitura e escrita dos deficientes visuais. Como será detalhado mais à frente, o sistema foi criado na primeira metade do século XIX pelo francês Louis Braile, ele mesmo um deficiente visual.

mais amplo, tais como os disléxicos, os analfabetos e os deficientes visuais, que estão no foco deste trabalho.

Em suma, pretendo estudar e aprofundar o tema dos audiolivros e o acesso à informação dos privados de visão, buscando relacioná-los com o mercado editorial. Alguns dos objetivos específicos de estudo são: entender em quais pontos as dificuldades aparecem quando estas pessoas são inseridas no âmbito escolar/informativo; se há um incremento efetivo de acesso cognitivo entre os usuários não visuais que fazem uso dos audiolivros; e se os investimentos dos mercados editoriais – tanto no Brasil quanto no mundo – dos recursos de audiovisual estão sendo positivos nas vidas dos deficientes visuais.

2 OS DEFICIENTES VISUAIS

Antes mesmo de começar a falar sobre a inserção social dos deficientes visuais, preciso voltar em alguns pontos importantes para a melhor compreensão.

É estranho pensar que a doença é como um mecanismo de expressão do nosso corpo, embora o seja. É com ela que rompemos o silêncio entre o indivíduo e sua própria estrutura física, vendo assim como um problema. São nessas horas que procuramos uma ajuda médica para termos um laudo, além de ser exigido um cuidado e um tratamento adequado. Se não fosse o estranhamento de uma situação fora do habitual – como uma dor de cabeça, dor de garganta, etc. – não haveria essa provocação do pensar. Só sabemos que estamos doentes quando algo não se perpetua mais em um estado de naturalidade. A curiosidade e inquietação nos fazem querer entender de onde está vindo o que estamos sentindo, para então ser interpretado pelo campo clínico como uma síndrome, um transtorno, um distúrbio ou um sintoma.

Nomes importantes como o de Michel Foucault e Georges Canguilhem nos instigam ao refletirem sobre o que é sofrimento. A doença não tem uma estrutura própria, ou seja, a maneira como ela se comporta é diferente dependendo de como cada organismo é visto. Este – o sofrimento – funciona então como um mecanismo capaz de ser suficiente para tentar procurar meios de retomar com a nossa saúde. Para compreender, o ser vivo teria que partir dele mesmo e não ser deduzido pelas leis físico-químicas da vida. O sofrimento e a experiência contam como pontos importantes para se perceber eventualidades futuras, não apenas focar no que aquela situação é explicada patologicamente. Quando uma pessoa está com febre, ela sabe que está mais quente, indisposta, sem poder trabalhar por conta de uma vivência tida por antecessores, pois só assim foi possível criar uma teoria do que seria “a febre” – remetendo aos conceitos patológicos da doença.

Com esses princípios, devo focar na figura de Georges Canguilhem, porque além de sua formação e experiência na medicina, era também filósofo, o que lhe permitiu fazer uma reflexão filosófica a partir da ciência médica com base nas ciências humanas, o que atualmente podemos chamar de “ciência da vida”. Graças a ele e ao seu aluno mais conhecido, Michel Foucault, temos estudos aprofundados da medicina no meio da psiquiatria e da psicologia.

Das suas diversas obras, a mais influente se tornou *O normal e o patológico*, que tem como base discutir a relação entre os fenômenos patológicos e os fenômenos normais. A simetria deste assunto com esta monografia é pelo estudo da biologia em conjunto com a filosofia, do que está sendo colocado como “normal e patológico”, “ordem e desordem”, entre “norma e erro” e é neste ponto que quero chegar. Seu intuito como filósofo era de tentar mostrar como as decisões clínicas estavam diretamente ligadas e influenciavam o normal e o patológico.

Um problema clínico raramente será apenas um problema clínico, para isso deve-se ter tido uma experiência anterior. É um enfoque diferente daquele do filósofo e sociólogo Auguste Comte para quem os fenômenos patológicos no organismo vivo se dão a partir de variações quantitativas, déficits ou excessos – sendo a patologia uma alteração para mais ou para menos da condição normal.

A questão principal é: o que deve acontecer com o corpo para que a fisiologia possa explicar o que é a normatividade da vida? Temos então que o que remete o senso de normal e patológico é a experiência do corpo. A clínica médica se baseia na anatomia, dizendo assim que qualquer lesão de órgão ou de tecido é uma explicação para o desvio do normal.

Canguilhem vê a doença como uma restrição entre o mundo e a capacidade de atuar do próprio indivíduo. Uma vez que ele esteja impossibilitado de exercer suas funções cotidianas por uma enfermidade, ele está doente. Nesta linha de pensamento quer dizer então que o "normal" seria levantar-se pela manhã, tomar seu café e sair para o trabalho, mas existe um problema causado pelo seu corpo que não o deixa.

Quando estamos submetidos ao pensamento do o que é uma deficiência, nos vem de imediato a definição padrão: a ausência ou insuficiência de algum órgão ou uma função psíquica/intelectual sendo considerado como uma anormalidade. A sociedade está acostumada a lidar com estas questões de maneira excludente, porém, se analisarmos por outros olhos, como pelos conceitos abordados acima, podemos fazer uma reflexão do que seria uma "anormalidade" e uma "normalidade". Em que momento de nossas vidas temos a percepção de que algo é normal dentro do contexto social em que vivemos?

Ou seja, o pathos precede o logos.

Entramos então na "Teoria da Curva de Sino" ou "Curva de Gauss". Essa teoria foi apresentada por James Watson e logo após por Charles Murray e Richard Herrnstein na obra *The Bell Curve* (1994). A teoria tem como objetivo testar a capacidade intelectual de pessoas em contextos sociais diferentes – ligados a saúde, esporte e cultura. Ela tem sido utilizada para nortear estudos sobre cotas raciais, desigualdade social, problemas relacionados à psicologia e, o que mais se encaixa no meu objeto de estudo, as deficiências sensoriais.

A curva de sino representa que tudo o que está dentro de seu centro é caracterizado como "normal" e o que está em suas extremidades é "anormal" – seja ela para uma condição para mais ou para menos. Assim, ela aponta para anomalias – ou, como dizemos informalmente, "ponto fora da curva". No entanto, não estão incluídos os casos nos quais a patologia não afeta a vida cotidiana do indivíduo (por exemplo, se ele tiver um músculo a mais no corpo ou órgãos em posições trocadas sem que uma coisa ou outra prejudique suas funções).

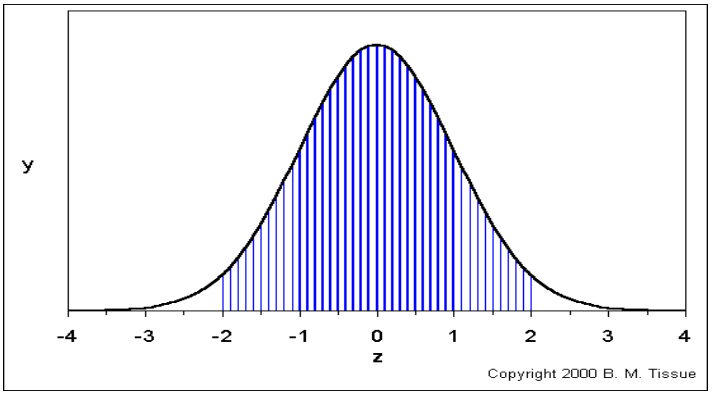

Imagem 1 – Curva de Gauss.
A cor azul mais escura representa a normalidade, o azul mais claro nas extremidades representa o distanciamento da mesma e a parte branca a anormalidade.
Fonte: https://www.chemicool.com/definition/gaussian_distribution.html

A partir desses estudos, surgem dois tipos de modelos para explicar cientificamente e socialmente a deficiência. São eles o modelo médico e o modelo social da deficiência.

O modelo médico da deficiência busca explicar este conceito o mais patologicamente possível tendo como base três elementos: o desvio da norma, a tragédia pessoal e o individualismo. O desvio da norma é identificado, como observado anteriormente, por meio da "Teoria da Curva de Sino". A tragédia pessoal se desdobra em três pontos: a lesão (alguma situação causou a não visão, seja ela uma doença, um incidente, entre outros), a deficiência e o handicap (quando a deficiência física ou mental interfere continuamente nas atividades normais de uma pessoa). Por fim, o individualismo é explicado muito bem por Erving Goffman em sua obra *Estigma* (1963): muito resumidamente, aborda a questão de o indivíduo ter sua identidade rebaixada por causa de uma anomalia corporal/intelectual.

O modelo social da deficiência refere-se ao mundo contrariado, quando algo não é normativo, a definição de "normal" passa a ser apenas um ponto de vista. Se pararmos para analisar este simples exemplo, ficará mais fácil de compreender: se um grupo composto por pessoas com deficiência auditiva estiver se comunicando em LIBRAS[3] e um cidadão ouvinte for inserido nesta conversa, quem configurará a anormalidade naquele meio é a pessoa que possuiu a audição.

> Se para o modelo médico o problema estava na lesão, para o modelo social, a deficiência era o resultado do ordenamento político e econômico capitalista, que pressupunha um tipo ideal de sujeito produtivo. Houve, portanto, uma inversão na lógica da causalidade da deficiência entre o modelo médico e o social: para o primeiro, a deficiência era resultado da lesão, ao passo que, para o segundo, ela decorria dos arranjos sociais opressivos às pessoas com lesão. Para o modelo médico, lesão levava à deficiência; para o modelo social, sistemas sociais opressivos levavam pessoas com lesões a experimentarem a deficiência. (DINIZ, 2007, p.23)

[3] LIBRAS: Linguagem Brasileira de Sinais.

O deficiente visual é a pessoa que não possui visão, dentro deste grupo existem dois tipos: aquelas que não possuem nenhum tipo de visão e aquelas que possuem pouca ou baixa.

Quando há uma diminuição grave e irreversível no campo sensorial – em específico, o visual – a correção por meio de lentes e/ou cirurgia não é possível e consequentemente as tarefas do dia a dia são diretamente afetadas.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e dados do IBGE atualizados em 2010, só no Brasil há mais de 6,5 milhões de deficientes visuais sendo 582 mil cegos e seis milhões com baixa visão ou dificuldade para enxergar. Já pelos dados do *World Report on Disability* 2010 e do *Vision* 2020[4] estima-se que a cada cinco segundos uma pessoa no mundo fica cega e até 2020 o número de deficientes visuais dobrará.

No mundo, 36 milhões de pessoas são não videntes. Para a OMS 80% dos casos poderiam ser revertidos caso houvesse mais ações de prevenção e/ou tratamento. Algumas das principais causas de cegueira na população adulta brasileira são de doenças como o glaucoma e a retinopatia.

Pessoas com deficiência visual por região	Total	% população local
Norte	574.823	3,6
Nordeste	2.192.455	4,1
Sudeste	2.508.587	3,1
Sul	866.086	3,2
Centro-Oeste	443.357	3,2

Imagem 2 – Tabela quantitativa de pessoas com deficiência visual por região.
Fonte: https://www.fundacaodorina.org.br/a-fundacao/deficiencia-visual/estatisticas-da-deficiencia-visual/

Conforme o modelo social, experiência do não vidente é feita por aqueles que são videntes e inserem no coletivo que o "normal" é ver. A lesão não torna a vida contrariada, é o mundo sem acessibilidade que faz isso.

[4] *World report on disability* foi o primeiro documento a abordar as situações das pessoas deficientes visuais, suas necessidades e barreiras impostas pela sociedade.
Vision 2020 é uma iniciativa criada em 1999 para eliminar as principais causas de cegueira – que são evitáveis e tratáveis – até o ano de 2020.

2.1 A HISTÓRIA DO BRAILE

Desde a antiguidade, muitos mitos negativos foram relacionados à cegueira. Algumas culturas acreditavam que ela estava ligada a vingança, a remissão dos pecados, entre outras crenças. O conceito de cegueira para o mundo oriental não tinha o mesmo significado que para o ocidental.

As culturas hebraicas, árabes e hindus tinham como ponto fundamental a audição, por isso nesse meio os não videntes eram bastante respeitados. Foi entre os séculos XV e XVI que a ciência teve um grande avanço, podendo explicar de forma patológica o que era a deficiência visual. O entendimento sobre os cegos se deu a partir do século XVIII, surgindo os primeiros conhecimentos sobre o funcionamento do cérebro e dos olhos.

Surge em Paris a primeira escola para cegos no final do século XVIII, com o objetivo de educá-los para os tirarem da condição de mendigos – eram perseguidos porque achavam que "atrapalhavam a ordem social" –, além de prepará-los profissionalmente.

A história do sistema braile se inicia no século XIX, quando um francês chamado Louis Braille, após completar três anos de idade, acabou furando o olho esquerdo com instrumento de perfurar couro quando brincava com as ferramentas do pai mesmo com o melhor tratamento possível à época, não foi possível reverter a situação. Seu olho sofreu uma infecção que, seis meses depois, contaminou o olho saudável, deixando-o cego por completo.

A tragédia não o impediu de seguir com os estudos. Na escola, sem contar com o apoio de recursos pedagógicos voltados para sua deficiência, recorria à audição e prestava atenção em seus professores, memorizando as informações passadas. Acabou se destacando como um dos melhores alunos e consequentemente ganhou uma bolsa de estudos para o Instituto Nacional para Jovens Cegos em Paris. O colégio foi criado por Valentin Haüy com a finalidade de introduzir um novo sistema de alfabetização para os deficientes visuais. Este sistema, criado por ele mesmo, era composto por letras registradas em relevo sobre papelão –.

Com doze anos, teve contato com o método Barbier (ou "escrita noturna"), criado por Charles Barbier de La Serre, oficial do exército francês, quando o mesmo deu uma palestra no Instituto em que estudava. O método consistia em um conjunto de códigos formados por pontos e traços, também registrados em relevo sobre papelão, originalmente criado com objetivos militares, para o envio de ordens cifradas. O método não foi adotado pelos militares, que o consideraram muito confuso, fazendo com que Barbier o adaptasse para a leitura dos cegos, chamando-o de "grafia sonora".

Imagem 3 – Busto de Louis Braille exibido na Biblioteca Nacional da França.
Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Louis_Braile

O sistema criado por Barbier possibilitava a escrita dos que eram privados da visão. Tratava-se de uma metodologia fonética: fazia a captação dos sons e não das letras, diferentemente do método criado por Háüy.

Braille começou a se aprofundar na grafia sonora e decidiu aperfeiçoá-la, quando em 1824 teve seu método pronto. Para uma maior facilitação – afinal a maioria dos deficientes visuais possuía dificuldades na leitura porque era lenta e quase não se conseguia distinguir uma letra da outra –, eliminou os traços e criou uma célula de seis pontos divididos em duas colunas de três pontos cada, podendo ter 63 maneiras de combinações diferentes, formado pelo conjunto ⠿ (123456).

Seguindo a ordem alfabética, as letras “a” até “j” são formadas com os pontos 1, 2, 4, 5. As letras “k” até “t” são representadas adicionando-se o ponto 3 aos sinais das dez primeiras letras. Quando o ponto 3 e 6 são adicionados em simultaneidade com as cinco primeiras letras, formam-se as letras “u”, “y”, “x”, “y” e “z”. Já o “w” é representado pelos pontos 2, 4, 5 e 6. A acentuação e a pontuação são feitas pelas combinações restantes, de acordo com o idioma. As 63 combinações possibilitam diversos arranjos, permitindo aplicar-se em qualquer língua, na notação musical e nas fórmulas científicas.

1 – Alfabeto

a	b	c	ç	d	e	f	g	h	i	j	l
⠁	⠃	⠉	⠯	⠙	⠑	⠋	⠛	⠓	⠊	⠚	⠇

m	n	o	p	q	r	s	t	u	v	x	z
⠍	⠝	⠕	⠏	⠟	⠗	⠎	⠞	⠥	⠧	⠭	⠵

2 – Letras com diacríticos

Vogais	a	⠁	e	⠑	i	⠊	o	⠕	u	⠥
Acento agudo	á	⠷	é	⠿	í	⠌	ó	⠬	ú	⠾
Acento grave	à	⠮	–	–	–	–	–	–	–	–
Acento circunflexo	â	⠡	ê	⠣	–	–	ô	⠹	–	–
Til	ã	⠜	–	–	–	–	õ	⠴	–	–
Trema	–	–	–	–	–	–	–	–	ü	⠳

Imagem 4 – Representação da escrita em braile.
Fonte: https://gizmodo.uol.com.br/invencao-braile/

O novo sistema teve uma boa recepção entre os alunos do Instituto e logo fez fama entre eles. No entanto, Braile não podia ensinar dentro da sala de aula porque ainda não era reconhecido oficialmente como professor. Por isso, com apenas dezessete anos, passou a dar aulas escondido no seu quarto, que logo virou uma segunda sala de estudos para os demais alunos. Em 1829, foi publicada a primeira edição de seu método. Nela, fez questão de reconhecer que tinha se baseado nas ideias de Barbier.

O sistema leva o nome de seu criador e em português pode ser grafado simplesmente como “braile” ou, conforme decisão de 2005 da Comissão Brasileira do Braile (CBB), como “braille”, sem a maiúscula, mas com a letra “l” dobrada. Neste trabalho, estou adotando a grafia “braile” para me referir ao método e ao sistema de escrita, por estar dicionarizada e por coerência à norma culta, já que não há palavras com “l” dobrado em português. Quando faço menção especificamente a Louis Braille, o criador do sistema, mantenho a forma “Braille”. No entanto, foram mantidas as demais grafias quando adotadas por terceiros, seja em citações de textos ou denominações de instituições, produtos e tecnologias.

A leitura do braile é feita usando as pontas dos dedos que são passados sobre os sinais em relevo. Nos destros, a mão direita é usada com um ou mais dedos sobre os sinais, enquanto com a mão esquerda se procura o início da outra linha. A maioria dos cegos usa a ponta do dedo indicador de uma das mãos – esquerda ou direita –, mas há um número determinado de pessoas que fazem uso das duas mãos para reconhecer os sinais em relevo.

Dependendo do leitor, é possível ler aproximadamente 125 palavras por minuto com apenas uma mão. Já aqueles mais experientes, que conseguem fazer o uso das duas mãos, dobram a quantidade de palavras, fazendo 250 por minuto.

O sistema é dividido em três graus de dificuldade para sua decodificação pelo leitor. O grau 1 é o mais simples, escrevendo letra por letra. O grau 2 é quando se usa abreviações de conjunções, preposições e pronomes e outras também presentes na escrita convencional, como "-mente" e "-ista". Para o uso do grau 3, é necessário ter uma ótima memória e tato muito desenvolvido, pois se utiliza de uma série de abreviaturas mais complexas. As abreviações são feitas para reduzirem os tamanhos dos livros e possibilitar a rapidez na leitura.

Além disso, para melhorar ainda mais a vida dos não videntes, foi criado o "reglete", o primeiro equipamento para a escrita em braile. Trata-se de uma régua especial que possui duas linhas com uma série de janelas dispondo de seis furos cada (correspondendo às células da escrita braile). Funciona a partir do deslizamento sobre uma prancheta, onde se encontra o papel, pressionado para formar os pontos em relevo. A escrita é realizada no verso do papel, da direita para a esquerda, com os símbolos invertidos, de forma que a perfuração forma os relevos que possibilitarão a leitura dos deficientes visuais.

Existem tipos de regletes diferentes, de acordo com seu tamanho e recursos. O reglete de bolso possui um tamanho menor, com menos linhas e sem a prancha. O reglete de mesa é acoplado a uma prancha de apoio e o reglete de página inteira-tem o formato A4. Embora seja um instrumento antigo, é ainda muito utilizado nos dias atuais por causa da facilidade de transporte, podendo ser levado na mochila ou mesmo no bolso.

Imagem 5 – Foto do reglete sendo usado por uma aluna deficiente visual.
Fonte: https://noticias.unb.br/112-extensao-e-comunidade/1683-laboratorio-de-apoio-ao-deficiente-visual-retoma-pleno-funcionamento

Em 1892, o americano Frank H. Hall inventou uma máquina especial possuindo sete teclas, seis para os pontos e uma para o espaçamento. No entanto, a máquina mais utilizada para a escrita braile foi criada em 1951 e é conhecida como Perkins Brailler.

Ela facilitou em muito o método de escrita, já que todas as demais inventadas até então não eram práticas, pois muitas deixavam a folha deitada, outras eram grandes demais ou apresentavam outros problemas que prejudicavam sua funcionalidade.

O modelo de Hall, de 1892, foi utilizado por décadas. A Perkins School for the Blind[5] foi uma grande fabricante de máquinas similares à de Frank H. Hall. Embora seja inegável que elas representaram um grande avanço, por acelerarem em muito o processo de produção de obras em braile, elas apresentavam problemas continuamente – quebravam com facilidade, eram barulhentas, necessitavam de reparos quase que frequentes e, além de tudo, eram caras.

É quando entra em cena o inglês David Abraham. Em 1941, em seu porão, em Massachusetts, ele criou a Perkins Brailler cuja denominação deriva justamente do nome da escola que o empregou em 1941. Ele exercia o posto de treinador manual, lidando diretamente com as dificuldades do uso das máquinas existentes. Tendo se destacado na função – a qual jamais havia pensado em exercer –, a direção da escola o chamou para tentar criar uma máquina mais eficiente do que aquela que era produzida e utilizada na instituição. Seu desenvolvimento foi de grande sucesso. Tanto que, até hoje, são fabricadas máquinas com base neste modelo, como a “Smart Perkins”. Esta possui um visor e saída de áudio que faz com que a letra que está sendo digitada seja ouvida pelo operador – e a “Next Generation”.

Louis Braille temia que seu método desaparecesse, mas o mesmo foi oficializado pelo governo francês em 1854. No entanto, Braile infelizmente não viu seu grande feito se tornar reconhecido, morrendo dois anos antes, devido a tuberculose.

[5] Escola Perkins para Pessoas Cegas.

2.2 O BRAILE NO BRASIL

O sistema braile chegou ao Brasil em 1854. O brasileiro pioneiro no assunto foi José Álvares de Azevedo. Ele era cego e foi considerado o padroeiro da educação dos cegos no Brasil. Azevedo trouxe o sistema em sua forma original, que foi usada no nosso país até a década de 1940.

Azevedo foi mandado para a França quando ainda tinha dez anos, para estudar no Instituto Nacional para Jovens Cegos, que era então a única instituição especializada no ensino de pessoas cegas. Seis anos depois, retornou ao Brasil convicto de que iria propagar entre nós o sistema braile e que lutaria pela criação de uma escola parecida com aquela na qual havia aprendido tanto.

Passou a dar palestras nas casas das famílias que possuíam algum deficiente visual e posteriormente nos salões da Corte, além de publicar artigos em jornais expressando a real importância dos cegos e seus códigos de leitura. Ensinou diversas pessoas privadas de visão a ler e a escrever. Ele se tornou o primeiro não vidente a exercer a função de professor no Brasil.

Tempos depois, houve uma reforma ortográfica da língua portuguesa e algumas modificações no braile foram impostas. Como não havia uma definição governamental, as alterações ficaram a critério de professores, de instituições ligadas à educação de cegos e também de produtoras de livros em braile.

Brasil e Portugal, na década de 1960, padronizaram o sistema, facilitando a escrita e a leitura em ambos os países.

O Ministério da Educação (MEC) publicou um documento intitulado *Grafia Braile para a Língua Portuguesa* como suporte para os educadores:

> Este documento é produto de um trabalho criterioso desenvolvido conjuntamente pelas Comissões de Braile do Brasil e de Portugal desde 1996, hoje com amparo legal no Protocolo de Colaboração Brasil/Portugal nas Áreas de Uso e Modalidades de Aplicação do Sistema Braile, firmado em Lisboa no dia 25 de maio de 2000. Trata-se de um documento normatizador e de consulta, destinado especialmente a professores, transcritores, revisores e usuários do Sistema Braile. As edições da Grafia Braile para a Língua Portuguesa no Brasil e em Portugal, em tinta e em braile, beneficiarão, certamente, todas as pessoas cegas dos países de língua oficial portuguesa (PALOPS). Esperamos que esta publicação venha a atingir seus objetivos, permitindo que os educandos cegos tenham acesso aos componentes curriculares e que os profissionais da área sintam-se preparados para atender, com qualidade, os usuários do Sistema Braile. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇO, 2006, p 11)

O Brasil foi o primeiro país a adotar o sistema braile. A primeira escola fundada em prol dos deficientes visuais, já em 1854, foi o Instituto Imperial dos Meninos Cegos, inaugurado por Dom Pedro II. A instituição está localizada no Rio de Janeiro, próximo ao campus da Praia Vermelha e tem hoje o nome de Instituto Benjamin Constant.

Nos dias atuais, os livros para cegos são escritos, em geral, no grau 2. Poderíamos comparar este grau com a escrita que usamos na internet, como por exemplo “n” significa “não”, o “abx” significa “abaixo”, etc. Trata-se de uma ótima forma para economizar papel, reduzir a dimensão e o peso dos livros e acelerar a leitura.

Apesar do grau 2 ser mais usado quando nos referimos aos livros, o grau 1 – escrito letra por letra – é adotado para ensinar quando se tem o primeiro contato com o braile. Ele torna o aprendizado mais rápido, embora seja usado raramente no dia a dia dos deficientes visuais.

> É preciso que os próprios deficientes visuais se conscientizem da importância da leitura Braile como parte de sua formação constante, mas isso tem a ver com uma questão interna, com algo próprio da natureza de cada ser que determinará as relações com os diversos suportes. (FREITAS NETO, 2006, p.60)

.

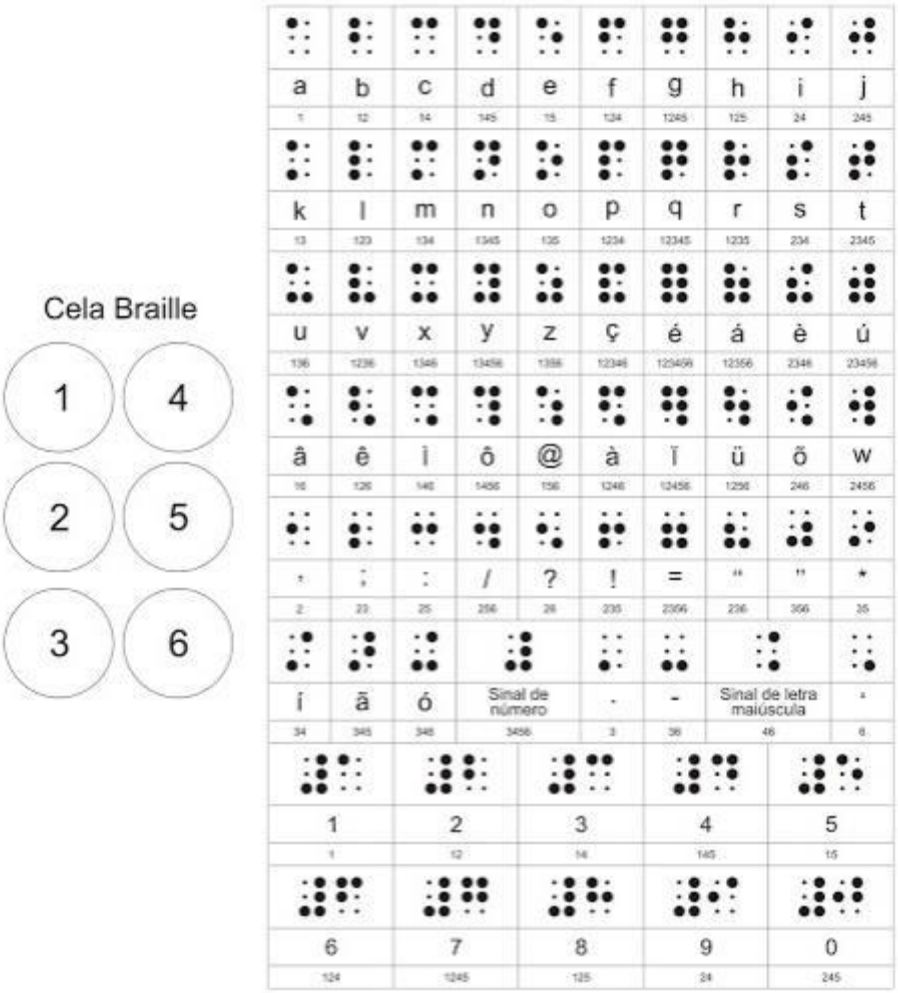

Imagem 6 – Sistema braile em português.
Fonte: Blog do Paulus.
https://www.blogdopaulus.com/2012/12/Entendendo-o-Metodo-Braile.html

2.3 FIGURAS E INSTITUIÇÕES DESTAQUE

No contexto internacional, temos umas das primeiras instituições europeias, posteriormente denominada Instituto Nacional para Jovens Cegos, em Paris. Como figura importante tivemos o nome de Valentin Haüy, criador do Instituto.

Haüy foi a primeira pessoa a se interessar pelos cegos. Sua curiosidade possibilitou técnicas para a educação e integração socioprofissional dos deficientes, querendo promover o respeito e a dignidade dos mesmos. Nos primeiros anos após a invenção do sistema braile, apenas na Europa foram criadas escolas para cegos, como, por exemplo, a escola inglesa St. Dunstan, que tinha como foco os aspectos psicológicos de seus alunos.

As escolas consideradas para "pessoas normais" começaram a desenvolver classes especiais para crianças cegas em 1900, como no caso da escola Perkins School, em Boston, Estados Unidos. Seu sucesso foi tão grande que através da educação para os não videntes, uma aluna chamada Helen Keller – que era cega, surda e muda desde seu primeiro ano de vida – obteve a graduação superior e escreveu vários livros com temas relacionados à educação de pessoas com deficiência.

O esforço da UNESCO[6] para a unificação do braile no material didático foi essencial para dar continuidade à escolarização de pessoas cegas.

No Brasil, a primeira instituição foi criada em 1854, o já citado Instituto dos Meninos Cegos, atualmente chamado de Instituto Benjamin Constant. Após a 2ª Guerra Mundial, a Declaração Universal dos Direitos Humanos teve como foco instituir a possibilidade do atendimento de pessoas cegas nas escolas regulares. Nas décadas de 1960 e 1970, criam-se leis para integrar o cego tanto nas escolas quanto no mercado de trabalho.

Tudo muda quando, em 1981, a ONU funda o "Ano e a Década da Pessoa Portadora de Deficiência", incorporando novas técnicas nos meios de comunicação capazes de conscientizar a sociedade. Menos de dez anos depois, em 1990, entramos na chamada "Era da Inclusão", que não só se referia aos direitos das pessoas com deficiência, mas sim ao dever dos demais a se adaptarem às diferenças.

Curioso pensar que antes de 1990 as questões de acessibilidade eram baseadas em estratégias para "integrar" a pessoa com deficiência na sociedade, e não "incluir". Há uma grande diferença entre esses dois termos. A integração é de caráter adaptativo como, por exemplo, colocar um parente/responsável para ler o que era transmitido nas escolas para as crianças não videntes. Já a inclusão é de caráter coletivo, incluindo integralmente o cidadão

[6] UNESCO: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, traduzida para o português como Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

com deficiência, com ações como a disponibilização de livros em braile nas escolas, instruindo professores para serem capacitados a lidarem com estes assuntos.

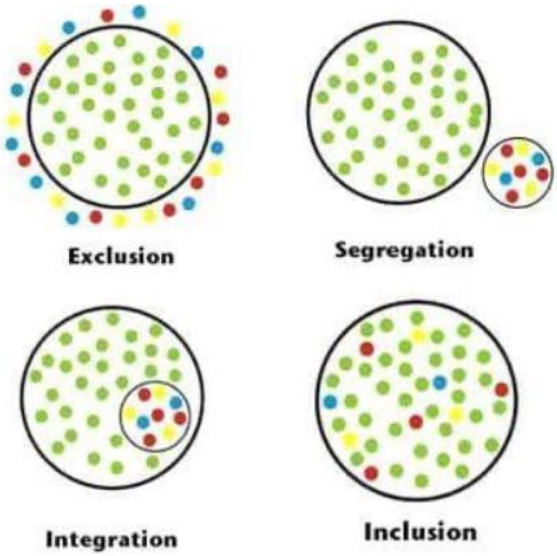

Imagem 7 - Diferença entre integração e inclusão.
Fonte: University of Oklahoma – Department of Human Relations
https://www.facebook.com/169727286373150/photos/a.170000459679166/2772248199454366/?type=3&theater

No Brasil, diversas instituições foram criadas para os deficientes visuais, assim como surgiram várias figuras que lutaram pelos mesmos, mas foquei em duas que acho bastante importantes para esse meio social: o Instituto Benjamin Constant (IBC) e a Fundação Dorina Nowill para Cegos (FDNC), localizadas, respectivamente, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A história do Instituto Benjamin Constant se dá em primeiro lugar por José Álvares de Azevedo —cujos feitos foram contados no subcapítulo anterior. Após ter se tornado o primeiro professor em solo brasileiro, chamou a atenção de Adélia Sigaud e começaram juntos a mudar o caminho da educação para cegos no país.

Adélia era filha de um médico da Corte Imperial e, com tal influência, a jovem conseguiu uma audiência com D. Pedro II, que se mostrou interessado sistema braile. Em sua demonstração, José Álvares de Azevedo relatou sua ideia de criar uma escola igual à de Paris aqui no Brasil. No entanto, a escola foi inaugurada quatro anos após a autorização do imperador.

Foi em setembro de 1854, no bairro da Gamboa, no Rio de Janeiro, que a Instituição começou a funcionar, sendo chamado de Imperial Instituto dos Meninos Cegos. No entanto, Azevedo não pôde comparecer a inauguração. Ele faleceu de tuberculose seis meses antes do grande dia.

Dez anos após sua criação, o Instituto teve que ser transferido para a Praça da Aclamação – atual Campo de Santana –, mudando seu nome para Instituto dos Meninos Cegos e, logo

depois, para Instituto Nacional dos Cegos. Por conta da instauração da república, o nome foi alterado mais uma vez, agora para Instituto Benjamin Constant, em homenagem ao terceiro diretor do Instituto, o militar Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Benjamin era militar, engenheiro, professor e estadista brasileiro. Participou da Guerra do Paraguai (1865-1870), lecionou como professor na Escola Militar da Praia Vermelha e em escolas Politécnicas. Foi o terceiro diretor do Imperial Instituto dos Meninos Cegos e permaneceu à sua frente durante longos anos – motivo pelo qual recebeu a homenagem do governo provisório da recém proclamada República.

Com o sucesso do excelente trabalho e o número crescente de alunos (não apenas moradores do Rio, mas também de outros estados), o estabelecimento precisou ampliar as instalações, mudando sua localização para a Praia da Saudade, atualmente chamada de Praia Vermelha, onde está até hoje. Esta mudança ocorreu em fevereiro de 1891 e permanece até os dias atuais. A alteração do nome para Instituto Benjamin Constant ocorreu um pouco antes da transferência. Ele também é conhecido pela sigla IBC.

Em 1937, o prédio precisou ser fechado para a conclusão de algumas obras. Suas portas foram reabertas em 1944. No ano seguinte, foi inaugurado o curso ginasial – igualando-se à educação do Colégio Pedro II. Esse feito deu um pontapé inicial para que outras escolas secundárias e universidades abrissem suas portas para os alunos que saíam do IBC dando continuidade aos seus estudos e os preparando para a vida.

O instituto se tornou mais do que uma escola que atende crianças e adolescentes cegos, com baixa visão, surdocegos[7] e com deficiências múltiplas. Também é centro de referência no que concerne à deficiência visual, fazendo a reabilitação de pessoas que perderam a visão ou estão em processo de perda. O IBC também se tornou centro de pesquisas no campo da oftalmologia, contando com um dos programas de residência médica mais respeitados do país, podendo prestar serviços de atendimento para a população, como consultas, exames e cirurgias oftalmológicas, por exemplo.

A pesquisa acadêmica também é bem forte no Instituto. A Imprensa Braile edita e faz a impressão dos livros e revistas no sistema braile, possuindo, além disso, acervos eletrônicos com diversas publicações.

[7] Surdocegos: São consideradas pessoas surdocegas aquelas que apresentam perda do sentido auditivo e visual em diferentes graus, sendo assim necessitam de formas diferenciadas para obter a comunicação e interagirem com outros indivíduos.

Outra instituição que merece destaque quando nos referimos aos deficientes visuais é a Fundação Dorina Nowill para Cegos (FDNC). Foi criada para facilitar a inclusão de crianças e adolescentes cegos ou com baixa visão e oferece serviços gratuitos.

Dorina Nowill fundou em 1946 a então chamada Fundação para o Livro do Cego no Brasil, na qual produzia e distribuía gratuitamente livros em braile. A instituição recebia apoio do governo federal e ajuda financeira da American Foundation for the Overseas Blind[8]. O nome da Instituição mudou para Fundação Dorina Nowill para Cegos em 1991.

Além dos livros em braile, a fundação produz também livros em áudio e em formato digital, de diferentes autores e gêneros, sempre fazendo uma distribuição gratuita para mais de 2.500 escolas, bibliotecas, associações e organizações.

São disponibilizados serviços psicológicos, acesso à cultura e informação por meio de materiais criados pela própria instituição. Reabilitação educacional, programas de empregabilidade e fisioterapia também são oferecidos para que os indivíduos possuam maior independência em suas vidas e atividades diárias. Há, em especial, uma área designada à inclusão de pessoas cegas no mercado de trabalho, oferecendo suportes diretos para as empresas. Atendem demandas de consultorias, além de fazerem pontes de acessibilidades, como a transcrição de cardápios, projetos de audiodescrição para diversas ocasiões e preparam estabelecimentos para receberem pessoas com deficiência visual.

Nas últimas décadas, a Fundação Dorina Nowill para Cegos produziu mais de seis mil títulos e imprimiu mais de dois milhões de volumes em braile. Em relação ao conteúdo em áudio, mais de 2,7 mil obras foram adaptadas para pessoas cegas. Em questão de serviços clínicos, mais de 17 mil pessoas já foram atendidas.

A instituição não possui fins lucrativos e contam com doações e apoios de voluntários, amigos e patrocinadores que lutam pela mesma causa.

A figura por de trás da FDNC é Dorina de Gauvêa Nowill, nascida em São Paulo – mesmo estado onde se encontra a sede da Instituição – e falecida em 2010. Ela lutou sua vida toda para as criações de leis e instituições que facilitassem a vida dos deficientes visuais. Ficou cega aos 17 anos, por conta de uma infecção ocular que se desdobrou em uma hemorragia, mas nada a impediu de seguir a carreira na área da educação da qual gostava tanto.

Por volta de 1945, convenceu a Escola Caetano de Campos, onde se formou como professora, a implantar o primeiro curso para capacitar professores para ensinar os cegos. Os livros em braile nesta época eram raros. Após concluir os estudos e torna-se educadora, viajou

---

[8] American Foundation for the Overseas Blind: Organização Americana para pessoas que perderam sua visão.

para os Estados Unidos com uma bolsa paga pelo governo americano para participar de um curso de especialização no campo dos deficientes visuais.

Retornou ao Brasil com grandes ideias e as colocou em prática, criando a primeira imprensa braile no país. A editora tornou-se a principal fonte de renda da fundação, produzindo mais de 80% dos livros para o Ministério da Educação. Também elaborava cardápios para restaurantes, instruções de segurança para companhias aéreas, entre outros serviços para a inclusão das pessoas cegas.

Atuando na Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, regulamentou a educação para os deficientes visuais e, em 1961, criou o Departamento de Educação Especial para Cegos, transformando em lei o direito da educação para cegos. Entre 1961 e 1973, ficou à frente do Órgão Nacional de Educação para Cegos no Brasil, em Brasília, podendo realizar programas e projetos para aumentar a inclusão de não videntes, além de fundar eventos e campanhas para conscientizar a prevenção da cegueira.Anos depois foi eleita como presidente do Conselho Mundial dos Cegos e criou a Fundação Dorina Nowill.

Como observado anteriormente, o ano de 1981 foi proclamado como o “Ano Internacional da Pessoa Deficiente” pelas Nações Unidas, que teve como foco criar planos para gerar igualdade de oportunidades, prevenção de deficiências e reabilitação. Dorina foi convidada para falar na Assembleia Geral das Nações Unidas como representante brasileira.

Oito anos passados, o Congresso Nacional implantou na “Convenção 1599”, da Organização Internacional do Trabalho, treinamento e profissionalização de deficientes visuais. Em 2009, Dorina foi considerada um dos cem brasileiros mais influentes do ano pela Revista Época. Ela faleceu no ano seguinte, com 91 anos.

Em 1999, a FDNC e o IBC, em conjunto, priorizaram a produção de livros didáticos em braile, ambas responsáveis por serem pioneiras em facilitarem a inclusão dos deficientes visuais na educação brasileira, com base na Convenção da Guatemala do mesmo ano.

> A partir da Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadores de Deficiência os Estados Partes reafirmaram que "as pessoas portadoras de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que estes direitos, inclusive o de não ser submetido a discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo ser humano". (MEC/SEESP, 2004, p.17)

2.4 AS EDITORAS E O BRAILE

O processo de produção do livro em braile no Brasil se dá pelas duas instituições abordadas no subcapítulo anterior, o Instituto Benjamin Constant (IBC) e a Fundação Dorina Nowill para Cegos (FDNC). Possuem inteiramente a responsabilidade de suprir as necessidades de usuários, escolas, organizações e bibliotecas por todo o país.

Para a editoração em braile existem algumas etapas determinadas, como adaptação do texto, transcrição e revisão. A adaptação é feita pela intervenção de ao menos um intermediário para estudar o material e torná-lo acessível para o deficiente visual. A transcrição para o braile é feita a partir do original integral, utilizando o sistema braile de grau 2, que usa as abreviações para acelerar e facilitar a leitura. Por fim, temos a revisão, que é conferida por leitura tátil para certificar que não há erros.

A primeira impressão de um livro de gramática de língua portuguesa ocorreu em 1856, financiada pelo fundo pessoal do imperador D. Pedro II, mesmo que 1847 já houvesse começado a impressão de livros. No Imperial Instituto dos Meninos Cegos, os alunos precisavam dominar a língua francesa, afinal muitos dos livros estavam escritos em francês. De lá, saíam futuros profissionais especializados, como encadernadores, professores de português, de história e de francês e até mesmo afinadores de pianos.

Em 1861, deu-se início à primeira tipografia para impressão em pontos salientes, criado pelo artesão Nicolau Henrique Soares, logo em conjunto começaram as primeiras oficinas de encadernação. Dois anos depois, se oficializa a imprensa braile com a produção e também publicação do primeiro livro em alto-relevo no Brasil. Seu acesso foi restrito, sendo produzido apenas para os alunos do Instituto. O livro se chamava “História Cronológica do Imperial Instituto dos Meninos Cegos”. Não podemos negar que foi um grande passo para o mercado editorial brasileiro, até porque, em 1865, era transcrito para o braile a Constituição Política do Império do Brasil.

Foi em meados de 1860, já sob a denominação de Instituto Benjamin Constant, que os trabalhos na oficina de tipografia e encadernação são continuados. Apesar de serem feitos manualmente pelos próprios alunos, estes possuíam cuidados especiais para que os livros pudessem ser utilizados durante anos, podendo ser transferidos de um usuário para outro.

Só em 1934 o IBC adquiriu máquinas que ajudariam a agilizar o processo de produção dos livros, dando continuidade neste projeto de encadernação dos alunos até 1939. Os trabalhos eram realizados em uma divisão denominada “Seção Braile” e eram dirigidos pelo professor José Espínola Veiga, que teve a ideia de separar a seção da tipografia da Seção Braile, fazendo

com que o diretor da época, João Alfredo Lopes Braga, aceitasse que era preciso construir um novo prédio, exclusivamente voltado para a imprensa.

Até que, em 1942, houve no país a primeira publicação produzida em massa de uma transcrição para o sistema braile pela Revista Brasileira para Cegos (RBC). Criada também como sugestão do professor José Espínola, ela foi distribuída gratuitamente para todo o território brasileiro.

O prédio destinado à imprensa ficou pronto em 1945, retomando suas atividades no ano seguinte. As impressões e publicações de livros começaram a ser feitas em maiores quantidades e com preços acessíveis, mas ainda não em nível suficiente para que a maioria das pessoas cegas e seus familiares pudessem consumir. Foi quando o professor Joaquim Bittencourt Fernandes de Sá, então diretor do instituto, conseguiu com que o Ministério da Educação e Saúde baixasse a portaria Ministerial nº504, estabelecendo a gratuidade para todas as obras que fossem produzidas e compartilhadas pelo IBC. Em seguida, em 1959, foi lançada a primeira revista infanto-juvenil em braile, intitulada *Pontinhos*, criada pelo professor Renato Monard Gama Malcher.

Além de imprimir, adaptar e transcrever os livros didáticos, o instituto também produz livros técnicos, documentos de interesse público, como editais, provas e avaliações para pessoas deficientes visuais, além daquelas funções mencionadas no subcapítulo 2.3. As revistas da RBC continuam sendo distribuídas até os dias de hoje, sendo enviadas para mais de 23 países, assim como a *Pontinhos*, que continua sendo produzida.

Não posso deixar de mencionar sempre as duas instituições brasileiras mais importantes no assunto que abordo, afinal elas foram, e ainda são, pioneiras. A Fundação Dorina Nowill também possui uma grande influência na indústria editorial braile no Brasil. Lembremos que Dorina, após ter contato com o sistema braile, passou a produzir cartilhas, livros e a ensinar crianças em fase de alfabetização por meio deste método.

Em 1945, a diretora Lenyra Francarolli mostrou interesse em criar uma sala para crianças cegas na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, em São Paulo, que logo foi nomeada de Sala Dorina Nowill, criando o primeiro serviço para cegos em uma biblioteca pública do Brasil. Ao longo dos anos, os recursos e as tecnologias foram se desenvolvendo, tendo um aumento na produção de livros em braile. Porém, ainda não são suficientes para atender todo o público e nem chega perto da quantidade de livros convencionais (impressos), produzidos para os videntes. Algumas editoras tentaram estimular a produção de livros em braile, mesmo que o custo seja um pouco maior. Apesar deste notável esforço a transcrição ocorre em apenas 5% dos títulos editados no Brasil.

Com as iniciativas e preocupações geradas neste início do século XXI, as leis começaram a entrar em vigor para defender e intensificar os direitos daqueles que possuem algum tipo de deficiência física, motora e/ou psíquica.

A partir de 2016, a lei nº 13.146 do Estatuto da Pessoa com Deficiência, em seu artigo 68, prevê que o poder público deve promover mecanismos para incentivar a produção, difusão, edição, distribuição e comercialização de livros em formato acessível. O artigo determina que os editais de compra para bibliotecas públicas impeçam a participação de editoras que não produzirem livros acessíveis. Pelo termo "acessível" entende-se não apenas aqueles produzidos em braile, mas também qualquer arquivo digital que possa ser reconhecido e consequentemente acessado por softwares, ou outras tecnologias que o substituem, havendo uma permissão de leitura de voz e/ou a ampliação de caracteres para uma melhor leitura.

No ano seguinte, meados de 2017, o MPF[9], em conjunto com as editoras, criou um acordo para disponibilizar livros em formato acessível. O acordo ocorreu por meio da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC) e do Sindicato Nacional de Editoras de Livros (SNEL). O SNEL representa mais de trinta editoras, totalizando quase metade do mercado editorial. O Termo de Ajuste de Conduta (TAC) acertado entre as partes estabeleceu que o livro acessível estaria disponível para futuras compras em uma plataforma online que seria administrada pelo sindicato.

A decisão pode beneficiar mais de seis milhões de pessoas por todo o país. Ela facilita a leitura, uma vez que os leitores poderiam solicitar a transcrição de títulos específicos, ou seja, pediriam diretamente para as editoras títulos não disponíveis em formato acessível no mercado. As editoras, então, têm um prazo de cinco até sessenta dias para produzi-los e os valores não seriam superiores ao do formato impresso.

Este TAC buscou garantir direitos básicos das pessoas com deficiência, como o de poder ler o que se deseja, já que a lei de 2016 não teria sido suficientemente eficaz para estimular uma produção significativa de edições acessíveis.

A lei também determina que a não publicação de livros acessíveis implica na discriminação da pessoa pela sua deficiência, acarretando em crime com pena de reclusão de um a três anos e multa.

A leitura digital como ferramenta de acessibilidade é muito eficaz por otimizar o tempo e quebrar algumas barreiras. No entanto, o braile continua sendo o sistema mais utilizado

[9] MPF: Ministério Público Federal

quando falamos da alfabetização dos cegos, ainda que muitos vejam os recursos digitais como seu substituto.

Para os cegos, não é vantajoso apenas terem contato com os textos pelo campo auditivo, pois não estão aprendendo a escreve. No dia a dia, dispor de mais e mais textos braile significa ter a autonomia necessária, por exemplo, para comprar remédios, escolher produtos no mercado e até apertar os botões de um elevador. Por isso é tão necessário o contato com o sistema braile.

> A importância da educação Braile para o deficiente é algo insubstituível. A leitura Braile vai justamente explorar um dos sentidos mais importantes para a construção do saber; assim como a visão é importante para o sujeito que enxerga, o tato tem a mesma importância para o acesso à leitura escrita. A habilidade tátil é para o cidadão-cego imprescindível como resultado do desenvolvimento da sua formação enquanto leitor. A formação para o uso do Braile vai representar, antes de tudo, um resgate da própria auto-estima (sic) do cidadão; vai começar a explorar o mundo tendo contato com a escrita e a leitura, a possibilidade da independência no que diz respeito à grafia das palavras. (FREITAS NETO, 2006, p.60)

Se para nós, videntes, quase sempre há uma preferência pelos textos impressos em vez da visualização em tela, para os deficientes visuais muitas vezes também é assim: uma preferência pelo analógico em detrimento do digital. Este é o equívoco mais comum nas editoras: produzirem conteúdo em áudio para os não videntes por acharem que eles substituem plenamente as edições em braile, que por isso poderiam ser deixadas de lado.

É necessário que haja uma ativação, nos formatos digitais, em áudio para aqueles que possuem baixa ou nenhuma visão, mas não limitar a este o recurso a ser disponibilizado. Está em jogo uma série de fatores como o desenvolvimento sensorial pelo tato, uma proximidade maior com a obra – por conseguir pegá-la e senti-la – e outras questões que nos fazem criar um afeto pelo livro, como o cheiro, tornando a experiência mais lúdica.

> A inclusão social é, portanto, uma grande conquista para o reconhecimento e a legitimação dos direitos dos deficientes na sociedade. Ela garante que estes indivíduos frequentem as escolas regulares, convivam e compartilhem os mesmos espaços sociais que as pessoas sem deficiência, usufruam o direito de ir e vir com segurança, efetivem seus deveres civis, trabalhem, enfim, sejam sujeitos socialmente participativos nas diferentes esferas da sociedade e em diferentes cidades, países e continentes. A inclusão é, dessa forma, um movimento global que disseminou a ideia de igualdade de oportunidades e abriu portas para a aceitação das diferenças e dos diferentes. (MONTEIRO, 2012, p.6)

Muitas pessoas que possuem a deficiência visual clamam por mais títulos disponíveis em formato braile porque a leitura faz parte de suas vidas. Todos precisamos de informação, precisamos do contato do livro como objeto. Por que para os não videntes tem que ser diferente e mais difícil?

No âmbito educacional, são poucas as escolas e faculdades que disponibilizam o braile como recurso de acessibilidade. A maioria usa o PDF, por ser mais fácil de reverter para áudio – existem programas e aplicativos que fazem isso rapidamente.

Não só a Fundação Dorina Nowill e o Instituto Benjamin Constant, mas outras instituições, assim como iniciativas individuais, prezam pela educação dos cegos e lutam por ela, desenvolvendo projetos de leitura, como é o caso de Wanda Gomes. Designer gráfica desde 1985, em 1999, em conjunto com a escritora Lia Zatz, ela começou a trabalhar com o objetivo de dar mais acessibilidade para aqueles que precisam ser incluídos na sociedade.

De início, a ideia era criar um livro infantil usando o braile, mas não demorou muito para que elas expandissem seus planos e, passados cinco anos, chegassem ao Braile.BR – tecnologia que cumpre as normas nacionais e internacionais de alta precisão, dando mais durabilidade aos livros, sendo possível pessoas com e sem deficiência visual fazerem uso deles. Trata-se da aplicação do braile por meio de verniz serigráfico transparente sobre a impressão convencional em offset. O verniz, por também produzir relevo, como o braile perfurado, permite a leitura pelo deficiente visual sem prejuízo da leitura pelo vidente.

Hoje, possuem a coleção Adélia, composta por três livros voltados para todas as crianças, podendo ser comprados pela internet. Além disso, produzem para terceiros. A empresa WG Produto é muito procurada por autores e editoras que desejam atender ao público com deficiência visual.

Iniciativas como essa surgem por todo o país e no mundo, mas os custos de produção e a falta de vontade ainda são barreiras a serem quebradas. Por conta disso, os números de títulos em braile ainda são baixos. As pessoas que possuem falta de visão ou baixa-recorrem ao meio digital para poderem ter acesso a leitura.

Entre as leis brasileiras de inclusão e a realidade concreta existe um vácuo muito grande. As micropolíticas e as macropolíticas andam juntas, todavia se distanciam em alguns pontos, principalmente na hora de pôr os planos em prática. A legislação brasileira que diz respeito aos direitos da pessoa com deficiência é conhecida por ser uma das mais completas do mundo, mas há um impasse na hora de cumprir, o que compromete sua eficácia.

Outra razão que dificulta o aumento da produção desse formato é a ausência, por parte das editoras, de um conhecimento aprofundado do público consumidor, sendo que esse público muitas vezes não sabe como exigir seu direito para ter acesso à cultura e educação. Mas sabemos que falta um esforço tanto das empresas como do mercado editorial.

Infelizmente, ainda há uma defasagem nas escolas brasileiras em relação aos alunos com deficiência visual e isto está totalmente atrelado ao fato de o mercado editorial não atender à demanda que se é esperada. Existe uma crescente preocupação de incluí-los no meio social em que vivemos, porém é um caminho longo e difícil a ser percorrido.

3 A TECNOLOGIA E O SURGIMENTO DOS AUDIOLIVROS

Antes mesmo de pensarmos nos audiolivros atuais, devemos saber que, de certa forma, eles já existem há décadas. Após a I Guerra Mundial, peças teatrais e livros eram gravados com o intuito de distrair os soldados que perderam a visão, como forma de amenizar seu sofrimento. O "talking book[10]", foi inventado no Reino Unido na década de 1920, mas foi apenas em 1934, nos Estados Unidos, que o primeiro audiolivro foi gravado, incluindo alguns trechos da *Bíblia*. Foi o primeiro país a popularizar esse meio e hoje é o maior mercado de audiolivro do mundo.

A rigor, "livro falado" e audiolivro são coisas diferentes. O termo "audiolivro" muitas vezes é usado como "livro falado", porém há uma diferenciação feita pela comunidade dos que narram e produtores. O audiolivro transmite emoção nas falas com a ajuda das novas tecnologias, enquanto o livro falado é apenas uma leitura simples e sem expressões.

> Conhecido no mercado nacional e internacional, o audiolivro, há anos, contribui com a educação inclusiva de pessoas com deficiências visuais, resgatando ou formando leitores, incentivando a leitura auditiva, o entretenimento e a cultura, para quem ouve e para quem se faz ouvir. (MENEZES; FRANKLIN, 2008 p.62)

O Royal National Institute for the Blind (RNIB) teve a ideia dos livros falados partindo das necessidades de inclusão dos cegos. Foi montado um estúdio improvisado e, em 1935, distribuíram os "talking book" para aqueles que possuíam deficiência visual (total ou parcial), dando a eles contato com o mundo da leitura. Com a II Guerra Mundial, na década de 1940, os outros estúdios que estavam sendo montados no RNIB foram destruídos, impedindo a continuação do projeto. Mas, graças a uma parceria com a American Foundation for the Blind (AFB, Fundação Americana para os Cegos) – se tornou possível a retomada da produção das gravações em áudio durante a guerra.

Como no século XX não tínhamos os mesmos recursos tecnológicos que possuímos atualmente, os áudios eram gravados em discos de vinil no formato "long play" (LP). A capacidade deste não era muito grande, possibilitando que apenas 25 minutos fossem gravados por LP, o que dificultava a produção de livros completos. O transporte também era complexo, dada a fragilidade do material. Foi então que, no final da década de 1940, os LPs foram substituídos por fitas magnéticas em formato de rolo, aumentando o tempo de gravação e diminuindo a quantidade de fitas por livro.

O problema não estava completamente resolvido. O não vidente continuava com algumas dificuldades, como, por exemplo, manusear a fita para então colocá-la no tocador e ouvi-la. No final da década de 1960, as primeiras fitas em formato K7 foram criadas,

[10] Primeiro nome dado, "livro falado" em tradução literal.

revolucionando a produção dos audiolivros. A maneira do funcionamento era basicamente o mesmo que as fitas magnéticas. Porém, não era necessário preparar a mídia antes de usá-la e foi assim por duas décadas – até os anos 1980, quando surgiram os CDs.

Imagem 8 – Coleção de audiolivros em uma biblioteca.
Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Audiobook

Não demorou muito para que os CDs substituíssem as outras ferramentas de gravação. Por ser um objeto mais leve e compacto, tornou mais fácil a vida dos que precisavam de acessibilidade. Temos também o fato da internet e os computadores se tornarem mais modernos e utilizáveis, possibilitando que os indivíduos comprassem seus livros gravados em CDs sem sair de casa. Os recursos melhoraram e se atualizaram, passando de CDs para downloads em "pendrives", computadores, celulares e "iPods".

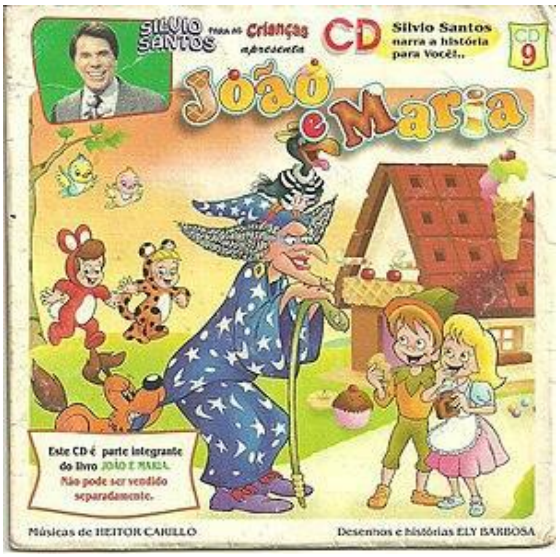

Imagem 9 – Livro em CD do Silvio Santos para crianças.
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Silvio_Santos_para_as_Crian%C3%A7as

O funcionamento dos audiolivros nos dias atuais é bem mais fácil do que os outros meios antigos. É exatamente como ouvir uma música: precisa apenas colocar em um aparelho de som

ou abrir o arquivo no computador e escutá-lo. Além do mais, também existe o formato MP3, que reduz o tamanho em Kb do arquivo, o que facilita tanto a gravação quanto a reprodução do conteúdo.

As editoras viram como uma esperança, em 2017 na Feira de Frankfurt se ouvia falar muito sobre os audiolivros estarem mais vivos do que nunca. As vendas nos Estados Unidos e na Inglaterra, entre os anos de 2015 e 2016, dobraram de tamanho, o que marcou um aumento significante para o grande mercado.

Segundo o site do Exame (2017) entre os brasileiros, 40% têm entre 25 e 34 anos; 27%, de 35 a 44; 15%, entre 18 e 24; 10%, entre 45 e 54; 4%, entre 55 e 64 e 2% acima de 65 anos. A maioria (67%) é homem. E o tempo médio é de 6h12 por mês – um livro de 250 páginas equivale a aproximadamente 6 horas. A maioria lê das 17h30 às 20 h.

Um novo nome surge em setembro deste ano aqui no Brasil, a Storytel – de origem sueca – segue um modelo parecido com o da Ubook. Totalizando os 18 países em que está atuando, seu catálogo conta com mais de 200 mil títulos.

Um levantamento feito pela Associação das Editoras dos EUA, associaram o crescimento do mercado dos audiolivros com os podcasts. De acordo com a Associação, 55% dos que fazem uso dos audiolivros também escutam frequentemente os podcasts.

Acredita-se que os podcasts estão ajudando a popularização do áudio em geral, até mesmo pelas editoras estarem investindo em estúdios e atores para narrar seus livros. Outro grande fator para o aumento dos audiolivros são os dispositivos móveis, como os celulares, que estão nos permitindo usufruir deste recurso ao mesmo tempo que estamos realizando múltiplas tarefas cotidianas.

O diferencial que o áudio nos oferece é a possibilidade de narrativas e experiências sonoras antes não vista pelo livro em tinta.

3.1 OS AUDIOLIVROS COMO INSTRUMENTO DE INFORMAÇÃO

A era dos audiolivros no Brasil, nos anos 1980, ficou um pouco esquecida. Houve, sim, um tempo que os CDs com histórias para crianças viraram altamente populares, vendendo diversas coleções de histórias famosas como *A branca de neve*, *João e o pé de feijão*, entre outras; mas em pouco tempo caiu no esquecimento.

Com as tecnologias que nos são disponibilizadas, temos os audiolivros em versão "streaming" – é uma plataforma onde podemos baixar livros ou audiolivros online e até mesmo ouvirmos em tempo real se tivermos a internet à nossa disposição –, como funciona a *Netflix*. Não é coincidência que a venda dos audiolivros quadruplicou nos últimos quatro anos nos Estados Unidos. Tiveram um crescimento de 20% nos oitos primeiros meses de 2017 e, em relação a indústria editorial, quase 90 milhões de títulos disponíveis.

Infelizmente, somos constituídos por uma sociedade que não possuí o costume de ler. Segundo uma pesquisa feita em 2016 pelo IBOPE em sua 4ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, constou que o número de leitores no Brasil subiu 6 pontos percentuais, totalizando 56% da população.

Por mais que estejamos falando em mais da metade, ainda há um certo abismo entre os cidadãos e os livros. As editoras possuem esse conhecimento, tornando o audiolivro uma chance de alto potencial para ampliar o mercado.

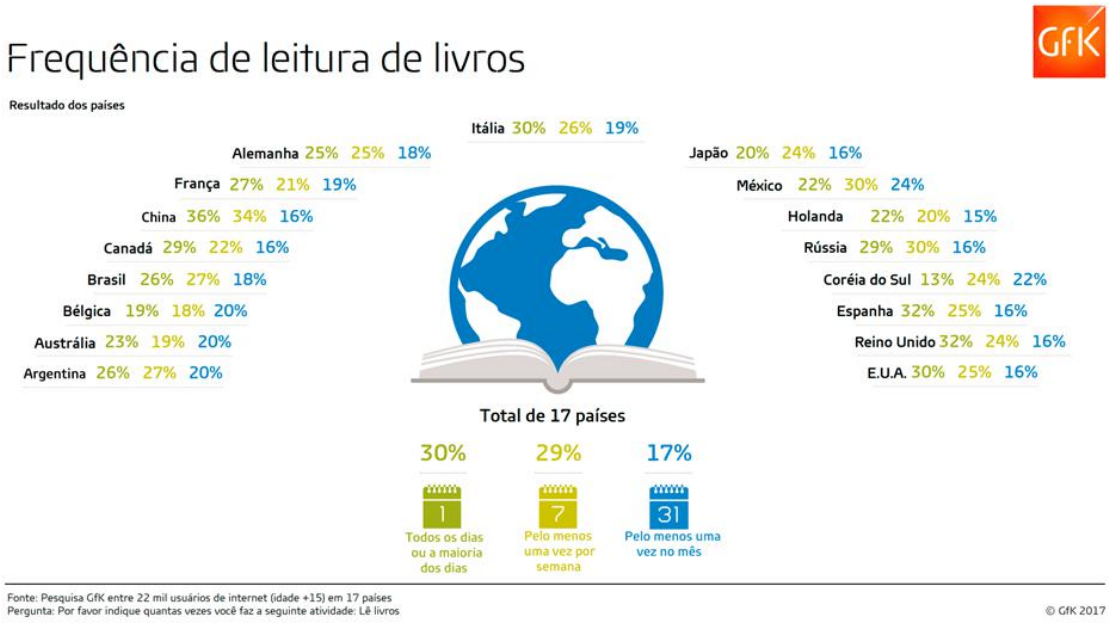

Imagem 10 – Pesquisa feita pela GfK para descobrir a frequência de leituras.
Fonte: https://www.consumidormoderno.com.br/2017/04/10/posicao-brasil-leitura/

Precisamos pontuar alguns fatores, principalmente a falta de tempo, que se torna um grande pivô para esse novo “formato de leitura”, se assim posso dizer. A tecnologia é outro grande responsável pelo crescimento deste recurso. A era que está se construindo conta com mais de 220 milhões de celulares ativos em todo o país.

Ficou mais fácil e mais rápido ter acesso a qualquer informação. Hoje em dia, a maioria da população em apenas um desbloqueio de tela tem seus aplicativos prontos e com diversos conteúdos dentro deles. O mundo moderno nos propõe uma liberdade de irmos escutando os audiolivros enquanto estamos em um transporte público, em um carro, esperando em uma fila e até mesmo na praia.

Há, claro, diversas vantagens no audiolivro. Afinal, a leitura demanda tempo e concentração. Existe, inclusive, a questão do livro como objeto físico que necessita de espaço para ser carregado. Uma simples ida ao parque se torna um tanto quanto complicado algumas vezes. Com o audiolivro esses pequenos contratempos são mais fáceis de serem contornados. Você consegue ir ao parque, andar de bicicleta e escutar o que deseja, fazer um exercício físico e o mais importante para a minha pesquisa e ponto principal, habilita quem não consegue ler visualmente – seja por deficiência, analfabetismo ou dislexia –. Cria-se uma inclusão daqueles que não podem usar de seu campo visual.

Quando pensamos no audiolivro como um meio de informação, vemos que a tecnologia pode nos ajudar cada vez mais, seja tanto para os videntes quanto para os não videntes. O indivíduo não precisa de tempo exclusivo para se dedicar a leitura, pode fazer isso enquanto exerce seus deveres diários; não é um objeto de grande volume como o livro, podendo se adaptar a qualquer mídia e levar para qualquer lugar; qualquer exercício físico será duplamente efetivo, deixando a sensação de “tempo perdido” para trás, exercitará os músculos do corpo e o cérebro ao mesmo tempo, dá acessibilidade e facilita a vida dos que não possuem os mesmos recursos que nós (por questões patológicas) ou que não possuem a mesma escolaridade.

Me colocando no lugar de fala como uma pessoa vidente, a otimização do tempo no cotidiano corrido que temos é de máxima qualificação quando pensamos que poderíamos estar usando melhor as horas dos nossos dias. Porém, quando penso em pessoas que possuem algum tipo de deficiência visual, um indivíduo analfabeto ou com dislexia, vejo o quão importante é o investimento em recursos como o audiolivro. Podemos analisar quanta informação é passada para aqueles que até então possuíam dificuldades para ler, ou manusear os livros, e as palavras que estavam escritas nas páginas de um objeto que para muitos é tão simples de ser entendido. Vejo que a independência destes, de alguma forma, voltou a fazer parte da rotina dos que precisam ser humanamente e socialmente incluídos.

3.2 O USO DOS AUDIOLIVROS ENTRE OS DEFICIENTES VISUAIS E OS VIDENTES

Os audiolivros são usados da mesma forma pelos seus usuários, basta colocar no celular ou abrir o arquivo desejado no computador, porém até onde eles participam efetivamente na vida de cada um? Há diversas pessoas que possuem visão e que ainda preferem os livros em tinta do que os audiolivros. Este segundo meio está se popularizando entre as pessoas, e pelo mundo, por várias questões – e a crise aparece como um dos grandes fatores.

Há estudos que comprovam diversos bens entre o ler e o ouvir, como o caso da pesquisa feita pelo professor de psicologia na Universidade de Virgínia, Daniel T. Willingham, nos EUA. Ela teve como foco entender como nossas mentes funcionam quando temos contato com um conteúdo em áudio e via texto e concluiu que a página escrita ainda é a melhor opção por nos fazer viajar no tempo e organizar as informações que nos são passadas, o que não é tão simples nos áudios.

A leitura para aqueles que podem ver e a compreendem, se torna mais prazerosa e íntima quando temos um livro em nossas mãos. Volto a dizer que muitos ainda o preferem pegar, sentir o cheiro e até mesmo anotar suas ideias e/ou opiniões que vão surgindo conforme vamos passando as páginas.

No próprio meio dos deficientes visuais também existe essa preferência. O livro em braile contribui para o aprendizado da leitura tátil, tornando a pessoa mais autônoma na hora de ler um remédio na farmácia ou mesmo uma informação nos mapas dos shoppings. Nesse caso, os audiolivros contribuíram para a reabilitação daqueles que perderam recentemente a visão, a leitura do Sistema Braile é muito complexa para os que não foram alfabetizados, impossibilitando que a pessoa que possuía o costume de ler, seja apta a retomar sua vida normal.

Ouvir uma história vai muito além de “economizar” nosso tempo, pode muitas vezes trazer a esperança perdida para o ser humano que por algum motivo perdeu o campo sensorial da visão. Quando estamos inseridos em um grupo social que possui uma característica em comum, é normal não pensar que alguma atitude ou novo recurso poderia melhorar a vida de alguém que não faz parte do nosso meio. É por isso que desde o começo do meu trabalho tento focar ao máximo nos deficientes visuais, muitas vezes nos passa despercebido por estarmos acostumados a receber informação pelo olhar – ler uma placa, ver as revistas estampadas nos jornaleiros ou até mesmo o semáforo de trânsito –.

Não pensamos em como seria se caso não tivéssemos a visão para nos auxiliar no cotidiano, para ler um livro ou fazer uma simples compra no mercado. Sim, eles também preferem ler do que ouvir, eles querem se sentir independentes, ter a autonomia de comprar sua

própria comida e ler o que está escrito na embalagem, porém só é possível com o treinamento do Sistema Braile.

O uso dos audiolivros é maior entre os que perderam a visão depois de adultos, que por algum motivo têm dificuldades para aprender o Braile, porém quando falamos dos videntes, ainda há uma barreira entre este novo modelo e os leitores, muitos não tiveram contato e às vezes, mesmo tendo, preferem o livro.

> Essa transição do mundo visual para o mundo não visual, ao adentrar para o mundo da cegueira o sujeito terá que passar por um processo de reabilitação muito grande. Evidentemente a ausência da visão é muito impactante para quem sempre viu, toda mudança brusca e radical provoca, traz uma complexidade própria de superação de traumas e desafios, uma reorganização da cabeça, do mundo e da vida. (FREITAS NETO, 2006, p.55)

Hoje já existem mais títulos disponíveis em formato de áudio. Alguns passaram a optar por esta forma por conseguirem ter tempo de ler (nesse caso ouvir) enquanto estão a caminho de suas responsabilidades. A era digital nos possibilita diferentes formas para chegar ao conhecimento, antes se a pessoa quisesse ver uma entrevista precisaria da televisão, pouco tempo depois os vídeos pelo computador e celular, agora os *podcasts*[11] estão reconfigurando a ideia de ouvir o conteúdo e não ler.

Qualquer informação pode ser obtida instantaneamente e de qualquer parte do mundo, a visibilidade dos fatos se tornou maior e mais rápida, na qual os dados são atualizados a todo segundo. (KOHN; MORAES, 2007)

O audiolivro ainda é mais usado entre os deficientes visuais por existir uma distribuição gratuita por algumas instituições, além de sites específicos que disponibilizam material para vendas – atingindo os não videntes e os videntes –. Por isso volto a enfatizar que auxiliam na obtenção de conteúdo de ambas as partes, nos economiza tempo e também leva a informação para aqueles que a perderam. Isso sem contar na parte da população que não sabe ler e escrever e tem acesso ao áudio.

---

[11] Entrevistas ou conversas gravadas e disponibilizadas em plataformas digitas, redes sociais ou rádio.

3.3 O INVESTIMENTO DO MERCADO EDITORIAL NOS AUDIOLIVROS

As editoras estão investindo bastante neste "novo" modelo. A Record e a Intrínseca criaram o "Auti Books[12]" e lançaram mais de 110 obras incluindo diversos títulos de diversos gêneros. A meta até dezembro deste ano é que tenham mais de 500 obras, atingindo mais pessoas que os livros costumavam atingir, além disso todos temos conhecimento da crise editorial que enfrentamos há alguns anos, os números dos audiolivros no exterior animam nossos mercados.

Pesquisas feitas pela *Audio Publishers Association*, dos Estados Unidos, divulgaram que os "livros para ouvir" já passam de 6,5% dos faturamentos das editoras, totalizando que, em 2018, mais da metade dos americanos com idades acima de 12 anos já escutaram pelo menos um audiolivro na vida; no Reino Unido, o mercado neste setor cresceu em 13%, existe uma preferência entre os ouvintes pelos gêneros de suspense e terror. Segundo a pesquisa, em 2013 foram lançados mais 24.305 títulos, em 2017 o número quase dobrou, totalizando 46.089. Em cinco anos as unidades vendidas passaram de 45 milhões para 108 milhões, gerando 2,5 bilhões de dólares em 2017 – último ano que foram informados os dados pela Associação.

O principal evento neste ramo, conhecido como a "Feira do Livro em Frankfurt" contou pela primeira vez em anos com um pavilhão exclusivo para audiolivros e podcasts. Todo esse sucesso também está relacionado com a vinda dos smartphones. No caso do Brasil possuímos algumas plataformas que nos possibilitam ouvir um livro, como a Ubook, Tocalivros, Google Play Livros e a Storytel. O CEO do Ubook, Flávio Osso, acredita que o investimento precisa ser em conjunto para despertarem o hábito do brasileiro em ouvir os livros, para ele não é necessário competição uma vez que todos produzindo juntos, aumentam as chances de atingirem mais pessoas.

O Auti Book e a Ubook têm moldes distintos, enquanto o Auti Book vende audiolivros para os compradores, o Ubook funciona como uma plataforma de streaming com uma mensalidade fixa e o usuário tem acesso ilimitado aos catálogos disponíveis na ferramenta.

O modo de pensar em ambos os CEO's das empresas se distanciam. Enquanto Claudio Gadelman afirma que fugiu do modelo de streaming porque o custo de produzir um audiolivro é mais elavado, já o Ubook viu esta maneira como um gatilho para aumentar a procura, deixar vários gêneros disponíveis para usufruir quando quiser, gera maiores chances de ter um interesse em diversos audiolivros, não em apenas um que foi comprado.

---

[12]Uma nova plataforma para ouvir livros criada pelas editoras Intrínseca, Record e Sextante em conjunto com a Bronze Ventures.

Embora o audiolivro esteja com grande força no mercado, existe uma cautela por não colocarem toda a esperança do mercado editorial única e exclusivamente neste meio. O áudio pode trazer sim mais público, mas não é visto como a salvação do mercado, infelizmente.

As editoras viram no formato áudio uma saída para continuar produzindo livros, uma maioria voltou a ter o hábito da leitura que antes não possuíam tempo, alguns até escolhem o gênero do audiolivro com base no que vão fazer, para dirigir e no transporte público preferem algo que não precisa de tanta atenção, como um romance, que se perder algumas partes por não estar concentrado, não fará tanta falta no enredo final.

Nos EUA e na Europa, este mercado está progredindo cada vez mais. Na feira de Londres deste ano, conhecida como “London Book Fair 2019”, houve uma imensa repercussão sobre os audiolivros, tendo um crescimento de dois dígitos por ano, enquanto o mercado de papel cresce um dígito por ano.

> Na Alemanha, surgiu na década de 1990 e foi aceito no mercado editorial de forma admirável. Conquistou um alto índice de adeptos, de perfis variados, para esta modalidade de leitura, e, até nossos dias, é apresentado em bares e festivais de literaturas faladas, proporcionando aos admiradores da literatura, a possibilidade de desfrutar seus títulos preferidos, narrados por autores célebres, relembrando as rádio-novelas. Nos Estados Unidos, surgiu em meados da década de 1980, conquistando também uma grande parcela de adeptos. (MENEZES; FRANKLIN, 2008, p.62)

4 MODO DE PRODUÇÃO DO LIVRO EM BRAILE E AUDIOLIVRO (FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS E INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT)

No capítulo quatro abordarei o tema da produção dos livros em braile e os audiolivros no Brasil. Sobre os livros em braile voltaremos a falar das duas instituições importantes para que isso aconteça, são elas a Fundação Dorina Nowill para Cegos e o Instituto Benjamin Constant, mas também existem outros personagens – pessoas e/ou instituições (sejam elas públicas ou privadas) –. A indústria editorial braile brasileira está concentrada principalmente nas duas instituições mencionadas acima, desde a editoração e impressão, até a distribuição.

Os livros em braile quase não são explorados quando comparamos com os livros de escrita universal e infelizmente temos uma soma de obstáculos para que isso aconteça, como por exemplo a falta de sensibilidade com os deficientes visuais, falta de especialistas que realmente entendem sobre a área, carência de conhecimento de materiais e tecnologias para efetivarem o processo de produção, entre outros.

Por haver uma grande necessidade de testar o produto até que enfim tenha êxito, o mercado editorial não costuma investir nesse tipo de produção. Entretanto, algumas editoras privadas nacionais – são elas a Globo Editora, Sá Editora, DCL e outras mais – buscaram nos últimos anos designar uma parte de seu dinheiro para fabricar em braile obras em texto de língua portuguesa, com foco nos livros infanto-juvenis de no máximo 32 páginas.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) tem parceria tanto com a FDNC e com o IBC, o que possibilita a chance de os materiais serem transcritos e adaptados para o Braile, a FNDE produz em média cerca de 300 títulos por ano.

Segundo a FDNC, o intuito sempre foi de disponibilizar o maior número possível de títulos acessíveis para a leitura dos cegos. Todavia, existe uma seleção dos títulos que serão produzidos visando os interesses e as preferências dos deficientes visuais, para isso é necessário que haja uma constante pesquisa e consulta. É de caráter instantâneo que os livros que todos querem ler, também despertarão curiosidade dos não videntes.

Assim que o livro for colocado no mercado a Fundação entra em contato com a editora para solicitar a doação deste título e se a resposta for negativa, a FDNC compra com seu próprio dinheiro – guardado e destinado para esse tipo de imprevisto. Se o livro pedido for de interesse exclusivo do pedinte é preciso que o mesmo leve o título em tinta para que seja passado para formato acessível.

A Fundação Dorina existe há 73 anos e foi graças a Dorina que a primeira impressora em braile veio para o Brasil. Os livros são feitos conforme a demanda dos projetos – como o

MEC – e caso seja de grande porte são custeados pelas empresas que ajudam na produção dos livros – podem ser feitos apenas em braile, braile em fonte ampliada e áudio –.

Há também o contrário, quando as editoras querem tornar seus livros impressos em modelos acessíveis e não estão acostumadas a produzirem com determinados materiais necessários para a confecção desse recurso. Sendo assim, são encaminhados para a FDNC e é feito uma amostra para ser avaliada pela editora antes de finalmente ser realizada, visando economizar os custos finais.

Nas coleções infantis da Fundação, os livros são pensados em todo tipo de público, tornando o projeto gráfico específico para atender tanto as crianças videntes quanto as são privadas de visão – a fonte é ampliada e as ilustrações são acessíveis –.

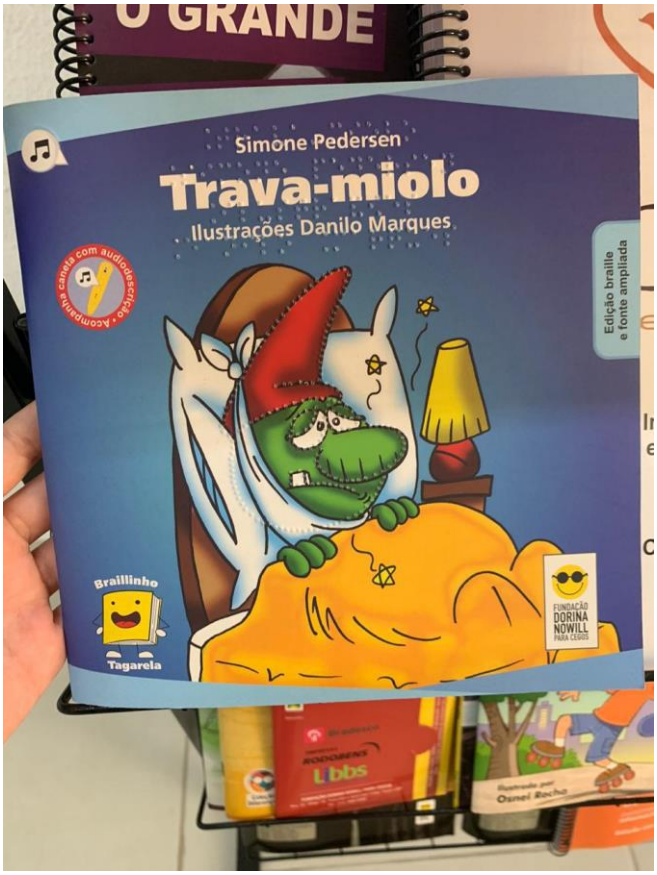

Imagem 11 – Livro infantil acessível para videntes e não videntes com audiodescrição da Fundação Dorina Nowill para Cegos.
Fonte: Fotografado pela autora na FDNC.

Imagem 12 – Livro infantil acessível para videntes e não videntes com audiodescrição da Fundação Dorina Nowill para Cegos.
Fonte: Fotografado pela autora na FDNC.

A digitalização começa logo após o pedido ser feito e esse material ser encaminhado à equipe – composta pelos designers, editores e os assistentes editoriais – em formato de PDF, se o livro estiver no modelo tinta, passa pelo escaneamento para que mude para o formato digital, se inicia o processo de revisão ortográfica – é normal que tenha erros por conta dos scanners.

A editoração é a etapa que a transcrição, adaptação e a diagramação são feitas. As margens obedecem os padrões do programa Braile Fácil[13] para facilitar e agilizar o tempo, o "padrão didático" estabelecido se dá por 30 caracteres e 28 linhas por página, os livros de matemática e física são 40 caracteres e 28 linhas por página, são permitidas 120 páginas por volume – precisam de espaços um pouco maiores. Existe uma diferença entre a linguagem visual (em tinta) para a linguagem tátil (braile), por isso é recomendável que na transcrição haja pelo menos uma adaptação ou variação do livro em escrita universal para o livro em braile.

Geralmente as tabelas são adaptadas pelo próprio editor, as que possuem maior complexidade se têm um cuidado para não dar as respostas das questões – como nos livros didáticos e paradidáticos. Não é possível interferir diretamente no livro em braile, mas o editor tem uma permissão para fazer escolhas técnicas, colocadas como "notas do transcritor[14] ou editor", nesses casos são usados símbolos antes do texto para as editoras entenderem o que se

[13] Braile Fácil: Programa desenvolvido pelo projeto Livro Didático em Braile em conjunto com o Instituto Benjamin Constant e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Permite uma impressão em Braile mais fácil, o texto pode ser digitado diretamente neste programa ou importado.
[14] Transcritor: É dado este nome para o profissional que reproduz o texto em escrita universal para o Sistema Braile.

é pedido, reforçando que o que vem após o símbolo foi acrescentado pelo profissional para que os leitores daquela obra consigam compreender melhor o que se é passado no texto.

Quando o assunto é livro infantil, o designer pode adaptar as fontes, as cores e o tamanho, além de ressaltar as ilustrações para promover uma leitura mais dinâmica para as crianças com baixa visão. A preocupação não pode ser só o texto, mas também as imagens.

As figuras, tabelas, mapas e gráficos são feitos por uma equipe e com a ajuda do programa *Corel Draw*, que possibilita que a imagem seja diagramada com indicações específicas[15], quantidade de linhas que serão usadas no livro e espaço necessário a ser preenchido, tudo isso para produzir em uma matriz de alumínio a imagem e facilitar a impressão.

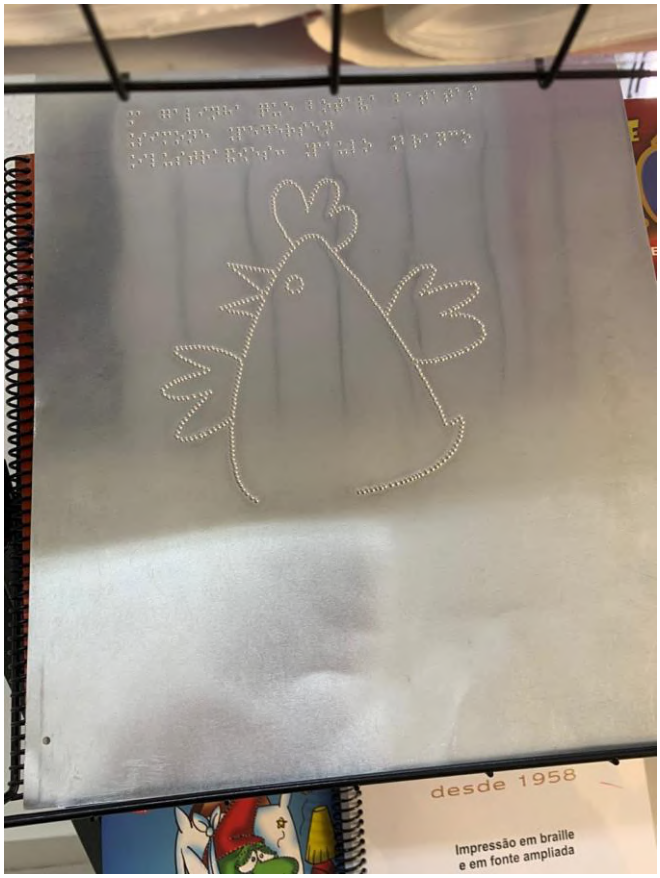

Imagem 13 – Matriz de alumínio com imagem.
Fonte: Fotografado pela autora na FDNC.

[15] Numeração da página em tinta e em braile.

O processo se encaminha para o final, chegando na primeira impressão, que é feito apenas com o texto, sem imagens, em uma chapa de aço. Quando chegamos nesse ponto há uma revisão só do texto impresso – no lugar da imagem é deixado um espaço em branco –.

A revisão realizada é por duas pessoas, vidente, voluntário, e um cego revisor[16] que confere a leitura pelo Braile, trabalham em conjunto e ao mesmo tempo. É um processo muito importante e extremamente cansativo, principalmente para o revisor braile onde há uma doação maior da atenção pois precisa ouvir o vidente que está lendo enquanto acompanha com os dedos a leitura, verificando cuidadosamente a ortografia, pontuação e a diagramação.

> Os livros, por exemplo, são compostos em grande parte por conceitos, técnicas e regras aplicadas de design: diagramação, tipografia, teoria das cores, ilustrações, acabamentos e técnicas, que somados são traduzidos em efeitos psicológicos únicos para cada indivíduo que os percebem. Quando transcritos em Braile os livros continuam respeitando normas específicas em relação ao tamanho, paginação, gráficos e outros. Com características essencialmente visuais, essa área específica do design gráfico adaptou-se a esses preceitos para permanecer fiel ao conteúdo, comunicar-se com todos os tipos de "visualizadores" e desenvolver projetos compatíveis com o público-alvo. (TREVISAN, 2012, p.64)

Os erros[17] encontrados são colocados em uma folha pelo vidente, que marca uma linha no texto em tinta e a numeração da página em braile para ser encontrado e substituído. É preciso deixar enfatizado que os revisores não têm poder de escolha dos títulos dos livros que irão revisar. Este processo é feito pelo grau da demanda e ordem de prioridade para ser impresso. O voluntário passa por uma burocracia padrão para formalizar os termos, assinando um documento de compromisso – precisa estar disponível em horários determinados combinados – e, se houver algum descumprimento, será substituído por alguém da Fundação Dorina para não atrasar o desenvolvimento do livro.

Concluindo a primeira parte da revisão e com os erros corrigidos manda-se o texto para a segunda impressão, dessa vez com as matrizes em alumínio. O texto e a imagem são impressos em espaços diferentes, separa-se a matriz do texto – com os espaços em branco – e a matriz de alumínio para serem trocadas na hora certa, substituindo esses espaços vazios.

Colocam uma folha de papel em seu interior para ser impresso em frente e verso, após o processo é preciso que haja uma outra revisão, desta vez para alinhar o texto com as imagens, que já estão "pré-colocadas" em seus lugares certos. Chega o momento de enfim encaminhar a impressão para o papel, para isso a Fundação Dorina possui uma equipe de editores e designers. Com a impressão feita é a hora de lacrar o material, na frente se encontra o nome do autor, edição, número de matrizes e o nome do editor responsável pelo processo de transcrição.

---

[16] Revisor: Pessoa designada a revisar os textos transcritos para braile.

[17] Os mais comuns nessa etapa são as vírgulas e quebra de linha, por causa dessa diferença do tátil para o visual, além da diagramação.

Imagem 14 – Impressoras em braile e impressora puma para produzir matrizes em alumínio (em azul ao fundo).
Fonte: Fotografado pela autora na FDNC.

Estes blocos são encaminhados para a mesa de montagem e são costurados para que incorpore a forma de um livro, folhas são colocadas de quatro em quatro para assim se formarem os cadernos. São colocadas em ordem sequencialmente das páginas, para então iniciar a montagem do volume, caderno dentro de caderno até que se forme o volume e consequentemente o livro todo.

Diferentemente da nossa ordem – livro em escrita universal –, o livro em braile segue a orientação das Normas Técnicas para a Produção de Texto em Braile, composto em ordem por: capa, contracapa, dados catalográficos, descrição da capa do livro em escrita universal, abas do livro em escrita universal, quarta capa do livro em escrita universal, outros dados do livro em escrita universal (como agradecimento por exemplo), sumário, nota de transcrição, texto e por fim a ficha técnica do livro em braile que é composto pela diagramação, ano da edição, colaboração, desenhos e a revisão.

Outra revisão é feita para ver se está tudo em perfeito alinhamento com a montagem, para verificar a numeração das páginas, tirar a prova se o braile foi impresso certo e outros acabamentos finais de costume. A Fundação opta pelos papeis de formulário continuo 120 g/m² (espessura mínima para imprimir em braile) e para a capa offset 180 g/m², visando o custo benefício, mas ainda podem ser impressos em papel couché 150g/m², papel reciclado, etc.

A encadernação é simples, uma capa de papel laminado e com fonte maior contendo dados do livro impresso em tinta. Passam pelo “refile”, com intuito de uniformizar o tamanho dos livros. Para a embalagem, existe uma máquina própria para acelerar o processo. Os livros são registrados e entram para o catálogo da Fundação – podendo ser consultado online –, porém é de uso exclusivo dos deficientes visuais.

Para a reprodução dos audiolivros, existe a Biblioteca Circulante do Livro Falado. As pessoas são cadastradas e usam esse acesso para receber os livros que estão sendo disponibilizados, já tiveram a Biblioteca Braile da Fundação, mas todo o acervo foi doado para o Centro Cultural de São Paulo.

A Fundação Dorina Nowill para Cegos produz seus audiolivros – chamados por eles de “livro falado” –, é feito por um estúdio dentro da Fundação com “profissionais da voz” que fazem a gravação dos livros e a cópia é produzida em formato Mp3, sendo disponibilizados no acervo da Biblioteca Circulante – os usuários tem total liberdade para escolher as obras que querem ouvir e podem retirar as cópias de até três livros por vez, como já havia falado, mas existe um prazo de devolução –, estão disponíveis nesse acervo mais de 4 mil títulos, incluindo vários *best sellers*, livro de autoajuda, literatura, etc.

A Biblioteca Circulante ou a Rede de Leitura Inclusiva faz uma lista de livros mais relevantes e procurados no momento pelos usuários, depois são feitas divisões por vozes para escolher a que melhor combinar com o conteúdo a ser abordado. Com o narrador[18] definido, se inicia a gravação, por curiosidade os livros didáticos e história em quadrinhos não são compatíveis com essa forma de “leitura”.

Ao finalizarem a gravação, começa o processo de “limpeza do áudio” para editar e fazer algumas correções, os capítulos por sua vez são divididos em faixas de 15 minutos que os separam, para não ficar uma leitura cansativa e corrida.

Uma última revisão é feita e logo após o arquivo é convertido em MP3 e gravado em CD, são enviados diretamente para a biblioteca e os usuários já podem mergulhar nas diversas histórias disponíveis para aumentar a acessibilidade e inclusão dos deficientes visuais. Todo o processo pode durar de meses a anos. Vale lembrar que a Fundação Dorina possui livros de mais de 20 horas de gravação.

Ambas as distribuições não possuem custos para seus consumidores, o que é ótimo para impulsionar a leitura deste público.

---

[18] A Fundação Dorina chama esse profissional de “ledor”.

No Instituto Benjamin Constant a produção dos livros em Braile para os deficientes visuais costuma seguir quase a mesma linha, para isso os usuários precisam se cadastrar no site ou mandar um e-mail requisitando os títulos.

Os livros em Braile são uma importante via de acesso educacional e cultural para as pessoas com deficiência visual. As obras didáticas e paradidáticas, adaptadas e transcritas na Divisão de Imprensa Braile, visam atender à demanda de escolas da rede pública, bibliotecas públicas e instituições sem fins lucrativos que atendam esse público específico. (IBC, 2017)

O Instituto procura atender o maior número possível de pessoas e instituições, porém com um limite de 30 livros por solicitação.

Os processos são feitos de forma invertida. A primeira etapa é para adaptar os recursos visuais do livro didático – neste exemplo –, torna-lo acessível não só ao braile, mas também para que o usuário consiga assimilar com clareza o que está sendo transcrito, o conteúdo em tinta deve ser mantido no Braile.

A segunda fase é a transcrição, a função do transcritor incluir as adaptações feitas e transformar o que foi escrito em tinta mais compreensível para o futuro leitor do Sistema Braile. Depois de concluído, ele irá imprimir o que foi transcrito para que a revisão seja executada, passando ao terceiro processo.

O transcritor e o revisor trabalham juntos nesse estágio, há uma leitura em voz alta do que se está escrito no livro em tinta, enquanto o outro acompanha os detalhes pelo livro em braile, respectivamente – chama-se de “leitura de conforto”. Essa parte é muito necessária para comparar se as adaptações estão aplicadas corretamente.

A leitura de conforto serve para correlacionar os erros que podem aparecer em ambas os textos, porém posteriormente cada um faz sua leitura sozinho, em ambientes diferentes para revisarem mais uma vez se não passou nada despercebido – leitura silenciosa –, após as leituras, o livro é mandado para a revisão e o processo de correção começa. Por fim, há a impressão em Braile e são encadernados.

O diferencial do IBC é que faz uso do *Thermoform*, um duplicador de textos e imagens que une o calor e o vácuo para criar um relevo na cópia que está sendo usada. É necessário que utilize uma folha especial – PVC ou de um material sugerido pelo fabricante –, após a impressão a folha entra na máquina e a tinta preta, quando entra em contato com o calor, forma o relevo[19].

[19] Os desenhos também podem ser feitos à mão com um marcador específico com a tinta que reage com o calor.

Imagem 15 – Máquina Thermoform.
Fonte: https://www.enablemart.com/thermoform-braile-tactile-duplicator

Imagem 16 – Página produzida pela máquina Thermoform.
Fonte: http://www.americanthermoform.com/product/swell-touch-paper/

O audiolivro é um instrumento valioso de inclusão social, pois permite informação imediata dos mais variados temas históricos e contemporâneos. Gravado no formato mp3 em CD, é de fácil acondicionamento e manuseio, sendo capaz de atender um público heterogêneo de ouvintes. (IBC, 2017)

No Instituto, a gravação do audiolivro é realizada em uma sala com isolamento acústico e com equipamentos de alta qualidade – nomeado como Estúdio José Espínola Veiga –. O formato de distribuição funciona através da Coordenação do Livro Falado, seguindo o mesmo modelo de cadastro, porém as instituições que estão nessa listagem (pessoas jurídicas) usufruem desse recurso sem fins lucrativos, para atender pessoas com deficiência visual. A segunda fase é preencher um outro cadastro e encaminhar dois documentos, assinados e preenchidos, para o e-mail da Coordenação.

A diferença da solicitação no IBC do audiolivro para o livro em braile é que para o primeiro os pedidos são limitados a 60 títulos para cada instituição cadastrada e para mais pedidos só após 30 dias; os livros são 30 títulos por pedido, para mais títulos só depois de três meses. Em 2018 o Instituto Benjamin Constant gerou 30 novos títulos para seus usuários, aumentando seu acervo disponível.

Os novos audiolivros já foram também incorporadas (sic) ao acervo a Biblioteca Louis Braile que, além desses, conta com outros 1.732 títulos disponíveis apenas para empréstimo para os públicos interno e externo ao Instituto. O Instituto Benjamin Constant, através de seu Departamento Técnico-Especializado, produz material didático e paradidático voltado à educação e lazer das pessoas com deficiência visual. Esse material é colocado à disposição não só dos alunos da Instituição, como também da comunidade de uma forma geral, uma vez que as obras são distribuídas gratuitamente para escolas e instituições que atendem esse público, em todo o País. (IBC, 2016, 2018)

Imagem 17 – Foto da biblioteca do Instituto Benjamin Constant. Infelizmente não pude registrar minha visita pois era necessário pedir autorização – o que levaria um tempo para aceitarem, além de diversos documentos –. Fonte: http://www.ibc.gov.br/component/content/article?id=940

4.1 O IMPACTO DOS AUDIOLIVROS NO MERCADO EDITORIAL

O mercado editorial vem sofrendo cada vez mais com a crise. Só no ano passado esse setor faturou cerca de R$ 5,12 bilhões no Brasil, uma queda de 4,5% comparado ao ano de 2017. Foram produzidos 350 milhões de exemplares – uma diminuição de 43,4 milhões em relação ao ano retrasado – totalizando uma queda de 8,84%, de acordo com a pesquisa realizada pela Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro.

Em 2018, o Grupo Saraiva fechou 20 lojas em todo o país, mesmo havendo um esforço da companhia para gerar rentabilidade. Além deles, a Livraria Cultura, com uma dívida superior a R$ 285 milhões, se viu obrigada a encerrar o funcionamento das lojas Fnac, o desequilíbrio econômico afeta tanto o mercado, como os leitores.

Não podemos culpar somente a crise, o hábito do brasileiro em relação a leitura e o alto índice de desemprego também geram preocupações para as editoras. Quando reduzem os custos, o costume é cortar o que não é tão necessário – fazendo o caminho de baixo para cima, do menos importante ao mais importante – e com isso são descartados os serviços culturais e educacionais, como, por exemplo, os livros.

O mercado teve um crescimento de quase uma década, principalmente pelas compras governamentais e com o interesse dos leitores com a popularização de Harry Potter e os youtubers, contudo as vendas online impactaram diretamente nas lojas físicas.

Algumas editoras buscaram aprimorar seu espaço físico para aproximar seus leitores, disponibilizando grandes prateleiras com livros “desejados” – edição de colecionador –, outras já preferem investir no meio online melhorando seus sites ou optam por lançar os livros em formato e-book como uma “pré-venda” antes de disponibilizar o livro em tinta.

A grande esperança é o livro digital – 20% a 30% mais barato que o livro impresso – e os audiolivros, por serem mais práticos. Apostam também nos clubes de assinatura e nas plataformas de streaming, esse nicho representou ano passado 1,08% das vendas totais.

Um fato que não pode ser negado é que o crescimento dos audiolivros está diretamente ligado aos meios digitais que, a todo momento, estão progredindo constantemente e anualmente. Há 10 anos não poderíamos imaginar que essa “nova” forma de leitura estaria fazendo parte das nossas rotinas. Conversei com algumas pessoas próximas – e mais velhas – que disseram ter usado os audiolivros quando ainda eram em formato fita K7 ou CD’s, principalmente quando foram aprender em outra língua[20].

[20] Os cursos estrangeiros fazem muito o uso deste recurso pelo processo de repetição, escutar a pronuncia e repetir ou contar uma história e ter que fazer um resumo do que conseguiu entender.

O audiolivro chega no Brasil visando ajudar os deficientes visuais, mas não demorou muito para atrair outros tipos de leitores. Mesmo com o mercado não muito evoluído, o investimento nesse recurso começou em 2006 com a editora Audiolivro lançando em um tempo de dois anos 30 títulos, a maioria deles voltados para a área jurídica, preparando os candidatos para o exame da Ordem de Advogados do Brasil (OAB). Primeiro foi visto como uma forma de aumentar a capacidade das pessoas de assimilarem rapidamente o conteúdo estudado, como em uma conversa que um lado fala e o outro escuta, mudando o modo de aprender convencional.

> A Universidade Falada (UNIFA) é uma iniciativa privada, criada com o intuito de difundir a cultura pelo Brasil, disponibilizando diversos materiais em áudio. Esse projeto pretende facilitar o acesso de pessoas pertencentes às mais diversas classes sociais a tantas obras literárias. Em seu portal, é possível encontrar os mais variados assuntos em formato de áudio para que o público possa adquirir e escutar o assunto que desejar. (FARIAS, 2012, p. 35)

No início do século XXI algumas editoras passaram a comercializar os audiolivros, estão entre elas as editoras Plugme, em 2008, que se juntou com outros grupos para produzir livros narrados por famosos brasileiros[21]; Tempo Livro, em 2009, pensando em facilitar e acomodar seus clientes disponibilizou o áudio para inovar na inclusão social, essa por vez foi mais fundo, expandido seus títulos para livros que passavam desde ficção até mesmo religiosos. O sucesso foi tanto que no ano seguinte, 2010, fundaram o "Clube do Livro" criando a primeira plataforma de audiolivro[22] do país, a Editora Nossa Cultura era considerada como referência na produção de obras em áudio, lançando em 2005 mais de 30 títulos[23].

Os audiolivros começaram a ganhar força, principalmente no Brasil, a partir dos anos 2000, quando as tecnologias se desenvolvem mais rapidamente. Alguns projetos envolvendo esse tipo de recurso foram abrindo espaços para novas experiências, como o LibriVox[24], fundado por Hugh McGuire que tinha como intuito disponibilizar obras, que já estavam em domínio público, em versão áudio na internet. A plataforma era constituída por voluntários, a mesma não exigia experiência com gravação, tampouco a familiaridade de falar em público ou para o público, apenas era necessário que possuísse um computador e um software de gravação.

O time era composto por diferentes cargos e cada um ficava designado a uma determinada função, os leitores liam os capítulos dos livros e diversas obras; os coordenadores de livros organizavam o grupo de leitores – para agilizar o processo de gravação –; os moderados, que orientavam os leitores; os meta coordenadores que tinham como dever

---

[21] Contavam com nomes prestigiados como Antonio Fagundes, Nelson Motta, Gloria Kalil e outros nomes respeitados.
[22] Era uma comunidade para aproximar os ouvintes, os narradores e até mesmo o próprio autor, quebrar as barreiras do mercado entre "empresa x consumidor", canal aberto para o público.
[23] Títulos que iam desde a área da educação até turismo, negócios e finanças.
[24] Sem fins lucrativos e não comercial.

catalogar as obras que já tinham sido concluídas – para não terem futuros problemas de repetição – e, por fim, os administradores que produziam outras tarefas que apareciam durante o processo da gravação até a excussão final. Por ser uma ferramenta de caráter internacional, eram disponibilizadas obras de várias línguas como português[25], inglês, japonês e outras.

Outra ferramenta criada foi a *Wikipédia Audível* que segundo Farias (2012) era um projeto desenvolvido com a finalidade de transformar artigos disponíveis no site da Wikipédia, considerada como uma enciclopédia eletrônica, em arquivos de áudio, possibilitando, com isso, o fácil acesso a portadores de deficiência visual. Esse projeto permite que os usuários sugiram artigos que possam ser gravados por colaboradores e, em geral, os artigos transformados em áudio são os que se encontram em destaque na Wikipédia. Além disso, para cada artigo, é recomendável utilizar um único arquivo de áudio, a fim de facilitar o download pelo ouvinte, não sendo essa uma regra obrigatória.

A Fundação Dorina Nowill para Cegos criou um projeto chamado "Ilha de Audição" para disponibilizar livros em áudio – literatura nacional e internacional –, visando principalmente as pessoas com deficiência visual, e construindo um caminho para a inclusão cultural, poderiam ser ouvidos nas bibliotecas da Fundação.

Com a chegada dos *smartphones* o mercado dos audiolivros expandiu de uma forma surpreendente, como já citei, vivemos em um mundo corrido, precisamos cumprir nossas obrigações e deveres de forma rápida e ainda tirarmos um tempo para termos acesso às informações e notícias que acontecem ao decorrer do dia.

Embora o Brasil não esteja no topo do ranking de leitura, há pessoas que colocam esse hábito em suas rotinas por acharem de extrema importância, seja para enriquecer seu conhecimento ou porque gostam e tem essa prática como hobby. Qualquer que seja seu motivo, foram diretamente afetadas pelo tempo curto que possuem ou pela falta dele. Visando atender essa demanda, o mercado editorial tomou a atitude de investir nesse "novo" modo de acompanhar as diferentes obras que são lançadas.

Mesmo que esse mercado ainda seja pequeno e pouco desenvolvido no Brasil, a Google Play lançou em julho de 2018 seu novo serviço de audiolivros, porém há startups que trabalham esse modelo desde 2014, como a Ubook e a Tocalivros[26], que veem esse crescimento e a vinda de novas empresas como um investimento e não uma ameaça. Em um ano a Google Play já conseguiu aumentar a quantidade de títulos em 30%.

---

[25] Em português tinham obras como *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, também faziam parte outras consideradas clássicos da nossa literatura.
[26] Já trabalham em parceria com a Google Play.

A Tocalivros foi fundada há 5 anos através da falta de tempo para ler que incomodavam os irmãos Ricardo Camps e Marcelo Camps, viram a plataforma como uma oportunidade de expandir a produção dos audiolivros no país. São produzidos de 10 a 15 títulos por mês[27] em parceria com outras editoras.

A plataforma, em específico, une as duas possibilidades atuais, tanto comprar as obras em avulso ou fazer uma assinatura pelo valor de R$ 19,99 por mês e ter acesso ao catálogo inteiro. A vontade de ampliar seu acervo para os mais de 3 mil assinantes é um desafio, tendo em vista que um título para ser produzido demora, em média, quase 2 meses para ficar totalmente pronto, além de dispor de diversos profissionais como narradores, editores, outros que ficam encarregados da mixagem e masterização.

Os narradores são escolhidos a partir das obras que serão gravadas, tendo todo o cuidado de combinar a leitura com a voz dos personagens. Além disso há também uma direção artística por trás de todo o trabalho, para que não caia em uma leitura monótona e sem emoções. Segundo Marcos da Veiga Pereira[28] (2019) é um investimento grande, por isso as editoras estão levando mais tempo para construir um catálogo de audiolivros. A crise das livrarias tem um impacto grande nisso, porque diminui bastante a caixa das empresas. No momento em que precisávamos investir em uma nova área, temos uma limitação.

A produção dos audiolivros e este mercado estão sendo afetados pela crise que o país vive atualmente, enquanto que nos Estados Unidos esse é o segmento que mais cresce dentro do próprio mercado editorial, com os faturamentos ultrapassando os US$ 2,5 bilhões[29].

Os formatos antigos não vingaram por conta da dificuldade de serem reproduzidos, em especial pelos deficientes visuais que precisavam manusear os suportes para colocarem os CD's ou fitas K7, outra razão para não terem tido tanto sucesso foi o custo de produção e distribuição. Para Muniz (2019) foram os smartphones que impulsionaram de vez o mercado de audiolivros. Hoje, é possível ouvir obras inteiras dirigindo até o trabalho, lavando a louça ou correndo na esteira. E isso beneficia principalmente aqueles que gostariam de ler, mas não têm tempo.

---

[27] A Tocalivros iniciou com 70 títulos disponíveis em áudio, hoje já possuem mais de 1.500, mostrando o quanto tem crescido o mercado dos audiolivros.

[28]Em entrevista com a Folha de São Paulo. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mpme/2019/01/celulares-dao-forca-a-novo-mercado-de-audiolivros-no-brasil.shtml. Acessado em: out. 2019.

[29] Dados coletados em 2017 pela Audio Publishers Association, com um aumento de 23% comparado ao ano anterior (2016).

A outra plataforma muito conhecida e utilizada no nosso território nacional é a Ubook[30], que vê a crise como uma maneira de criar novas alternativas para gerar receita – considerando o livro digital como uma forma de ajudar a venda do livro físico –.

O valor da mensalidade deste aplicativo é um pouco mais cara e são duas, a de R$ 29,90 por mês que disponibiliza o acesso ao conteúdo completo disponível[31] e outra que impulsiona as vendas dos livros físicos, por R$ 49,90 o usuário tem a opção de acessar a plataforma pelo celular e receber um livro em casa por mês. A empresa conseguiu desenvolver uma alternativa para influenciar ambas as leituras – digital e física –, o sucesso foi tão grande que em 2018 expandiram seus serviços para outros países.

A Ubook recebe dinheiro de investidores para cada vez mais conseguir produzir diferentes títulos de audiolivros. Por terem estúdios próprios, a empresa consegue fazer cerca de 50 a 60 audiolivros por mês – o que é considerado bastante quando comparamos com outras startups –, a plataforma já conta com mais de 6 milhões de usuários[32], entre eles os temas mais consumidos são os de empresas & negócios, ficção e autoajuda.

Ao que tudo indica esse mercado no Brasil tende a crescer com investimentos – há pessoas e emprestas que acreditam que os audiolivros podem ser cada vez mais populares entre a população brasileira. A crise é um obstáculo e uma incógnita ao mesmo tempo, não sabemos o que ainda nos espera e nem até quando terá o devido incentivo nessa área de cultura.

As plataformas estão engajadas na inclusão dos deficientes visuais, os títulos disponíveis e a produção de audiolivros atinge esse público e devolve a “leitura” de obras que muitas vezes não estão transcritas no Sistema Braile, mesmo que a maioria cadastrada seja de videntes e essas ferramentas estejam trabalhando em cima da perspectiva de uma sociedade sem tempo para poder ler um livro, mas que conseguem ouvir diversos títulos por estarem em formato de áudio. Para Marina Pastore[33] (2018) o formato mais recomendado é o ePub3, que é um e-book com vários recursos, como a leitura em voz alta. O audiolivro não é pensado especificamente para isso. Uma obra de ficção, por exemplo, serve para esse público[34], mas em um livro mais técnico, com muitos gráficos, o que a gente faz é fornecer um PDF para o leitor ter acesso a esse conteúdo. Então, recomendamos o e-book com descrição das imagens.

---

[30] Hoje é considera como o maior aplicativo de audiolivros, em modo streaming, da América Latina.
[31] Mais de 3 mil títulos em português e 12 mil em outros 18 idiomas.
[32] Número total de assinantes e pessoas cadastradas – essas podem usar ou não os serviços oferecidos –.
[33] Em entrevista com o Estadão. Disponível em: https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,em-expansao-audiolivro-e-aposta-do-mercado-editorial-na-crise,70002543975. Acessado em: out. 2019.
[34] Os deficientes visuais.

4.2 PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS COLETADOS

Para dar uma profundidade no trabalho decidi fazer duas pesquisas entre os videntes e buscar respostas sobre como nos comportamos quando temos acesso ao livro e ao audiolivro – já que experimentamos de campos sensoriais diferentes dos deficientes visuais –.

As perguntas formuladas foram de modelo fechado e com um "menu suspenso", disponibilizando algumas respostas para o entrevistado escolher a que melhor se encaixa com o seu perfil/cotidiano. Meu objetivo quando elaborei essa opção foi o de agilizar o número final e concluir respostas "pré-selecionadas"; ter dados estatisticamente relevantes – as perguntas fechadas são conclusivas, simples de codificar e úteis para comprovação –, além disso posso categorizar os indivíduos que responderam em grupos com base nas opções selecionadas.

Dividi meu público por idade, se possui o costume de consumir livros, se já tinham escutado falar sobre os audiolivros, e caso a resposta fosse positiva, se o entrevistado já fez uso pelo menos uma vez desta ferramenta. As perguntas finais foram elaboradas em cima da facilidade e acesso à informação que o audiolivro pode vir apresentar.

Meus questionários foram feitos via redes sociais[35], compartilhei os links dos relatórios para que as pessoas interessadas pudessem responder e repassar para colegas e familiares ao longo dos seis meses em que escrevi este trabalho. Recebi respostas que foram bastante favoráveis para chegar ao ponto chave.

O que estou querendo analisar é se os audiolivros também são usados com frequência entre os que possuem a visão como campo sensorial, ainda mais com as tecnologias avançadas e cada vez mais disponibilizando novas formas de recebermos informação, procurei também questionar se o audiolivro é conhecido e está inserido no dia a dia em ambos os casos – tanto os videntes, quanto os não videntes –.

Em primeiro lugar questionei a idade dos participantes, visando obter respostas de qual seria meu público geral. Embora eu tenha colocado todas as idades a partir dos 10 anos, separei por 10 – 20 anos (crianças e adolescentes), 21 – 35 anos (jovens e jovens-adultos), 36 – 45 anos (adultos) e por fim 46 anos ou mais (adultos e terceira idade); a finalidade da divisão foi para ver se a questão da tecnologia teria relação com a idade.

[35] Redes sociais utilizadas foram o Facebook e o Whats App.

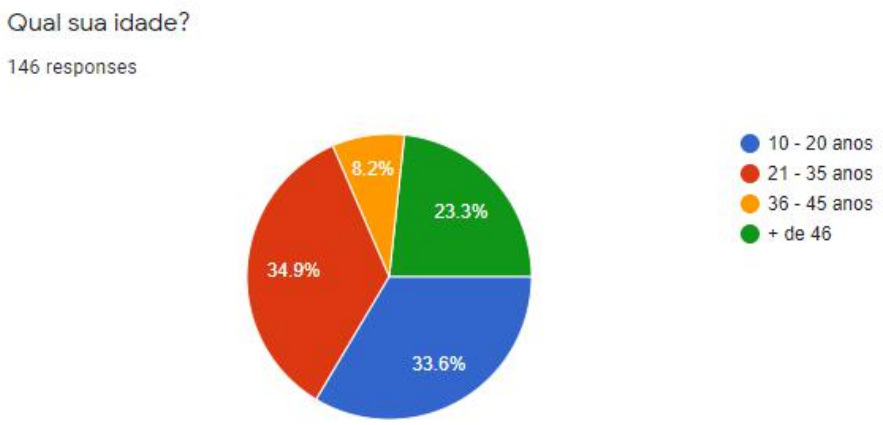

Imagem 18 – Gráfico da primeira pesquisa.
Fonte: Questionário elaborado pela autora.

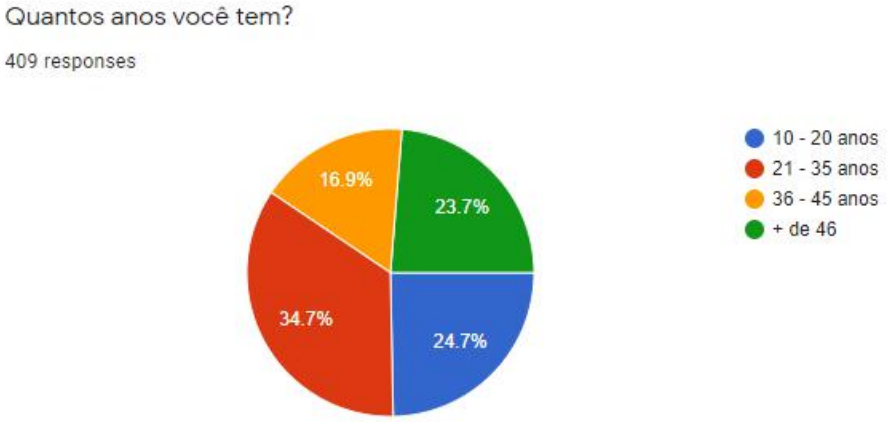

Imagem 19 – Gráfico da segunda pesquisa.
Fonte: Questionário elaborado pela autora.

Das 146 respostas dadas, tive mais jovens e jovens-adultos participando e em segundo lugar crianças e adolescentes, no segundo gráfico as respostas ficaram mais divididas, mas ainda sim os indivíduos com mais idade foram os que menos responderam, tendo uma relação com os que usam a internet e suas idades.

O próximo passo foi perguntar se os entrevistados possuíam o costume de ler livros e se os mesmos sabiam o que era um audiolivro. Para minha surpresa, ainda há uma grande porcentagem que não tem o hábito de ler, total de 33.3% (136 participantes), e também um número expressivo de pessoas – dentre as que responderam – que não sabiam o que era um audiolivro, total de 14.2% (58 participantes).

Imagem 20 – Gráfico da primeira pesquisa.
Fonte: Questionário elaborado pela autora.

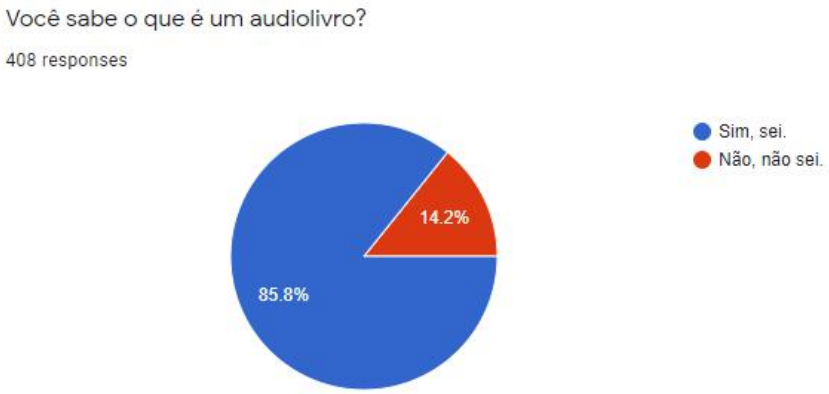

Imagem 21 – Gráfico da primeira pesquisa.
Fonte: Questionário elaborado pela autora.

Nas duas pesquisas eu quis enfatizar a pergunta se, ao menos uma vez na vida, os entrevistados fizeram uso do audiolivro, para entender a força desse mercado no Brasil e também para ver se os fatos estão atrelados a questão da necessidade. Afinal, para os videntes os títulos dos livros estão disponíveis em vários formatos, sejam eles no livro físico como em *eBook*, em PDFs, entre outros; reforçando que não há uma dificuldade em ter acesso.

Como estava esperando, ambas as pesquisas tiveram mais pessoas dizendo que nunca usaram o audiolivro. Conversei com algumas que fizeram e não fizeram o uso para comparar as respostas, as que já utilizaram alegaram ter tido uma curiosidade quando se tornou mais comum este recurso e também porque acharam mais práticos no cotidiano. Quatro amigas disseram ir em pé no transporte para o trabalho e escutar um livro o trajeto passa mais rápido e dá à elas uma sensação de “tempo aproveitado”. Alguns entrevistados, porém, disseram que nunca ouviram falar em audiolivros e outros comentaram que por preferirem o livro, não fazem questão de experimentar, até porque não estão habituados a novas tecnologias.

Imagem 22 – Gráfico da primeira pesquisa.
Fonte: Questionário elaborado pela autora.

.

Imagem 23 – Gráfico da segunda pesquisa
Fonte: Questionário elaborado pela autora.

Para finalizar minha pesquisa e chegar em um resultado, perguntei aos interrogados, que fazem parte do grupo de videntes, se para eles os audiolivros ajudam no acesso à informação dos deficientes visuais e se fariam uso deste recurso caso o mercado editorial investisse mais. A maioria respondeu positivamente sobre o acesso dos não videntes e apenas 8 participantes disseram que “talvez”, mas não souberam elaborar um argumento. Quanto ao investimento a maior parcela optou pela alternativa que faria o uso se tivesse mais investimento, porém houve uma resistência de 23.3% dos entrevistados, curiosamente o público que escolheu o “não” como resposta teve a prevalência de idade dos 10 – 20 anos e 21 – 35 anos (esse segundo com uma porcentagem ainda maior) e ao serem questionados, disseram preferir o livro por já estarem acostumados com esse modelo tradicional.

Imagem 24 – Gráfico da segunda pesquisa.
Fonte: Questionário elabora pela autora.

Imagem 25 – Gráfico da segunda pesquisa.
Fonte: Questionário elaborado pela autora.

Analisando os dados e as respostas pessoais dos entrevistados, podemos ressaltar dois pontos principais: o primeiro é que o mercado editorial, quando tratamos de audiolivros no Brasil, está atrasado. Nos Estados Unidos e na Europa, por exemplo, há o uso significante entre seus cidadãos e um investimento maior e mais eficaz; o segundo é há um reforço do que abordei no início do segundo capítulo, os videntes assinalaram as respostas conforme a sua experiência vivida – em cima do seu cotidiano não contrariado –.

Quer dizer que por não termos as mesmas vivências de um deficiente visual, fica mais difícil de nos colocarmos no lugar deles. Essa questão fica bem colocada quando analisamos as respostas da segunda pesquisa que perguntei sobre os audiolivros facilitarem o acesso à informação dos não videntes. Sim, houve uma aproximação dos cegos com os títulos de diversos livros que antes não estavam disponíveis em Braile, isso pode ser levado em consideração por facilitar a acessibilidade. Porém o ponto que quero chegar é que estas mesmas

perguntas foram feitas para um grupo de deficientes visuais que englobam dois jovens estudantes, um formado em História, começando o mestrado e outro que ainda está no Ensino Médio, a assistente social da Fundação Dorina Nowill, que trabalha na reabilitação de crianças nas escolas e adolescentes/adultos nas universidades, e por fim um professor de Graduação de Direito da Universidade Veiga de Almeida que possui duas faculdades (Direito e Ciências Sociais), mestrado e doutorado.

Todos possuem idades diferentes, dois jovens e dois adultos, os quatros fazem uso dos audiolivros por encontrarem mais livros neste formato do que em Braile. Quando interroguei sobre o acesso à informação que os mesmos forneceram, todos concordaram que sim, mas que não é a solução dos problemas porque mesmo que sejam deficientes visuais, eles também preferem os livros.

Maria Regina Marques, da Fundação Dorina, enfatizou que aqueles que são alfabetizados em braile preferem o livro porque gostam de ter essa aproximação tátil com a leitura, por trabalhar com a reabilitação de jovens e adultos, afirmou que os que perdem a visão com mais idade, optam pelo audiolivro por ser mais fácil – ela prefere o audiolivro quando são livros maiores porque não domina por completo o Braile e a leitura fica mais demorada –.

Josemar Figueiredo como professor apontou outros problemas que o audiolivro traz para os que são privados da visão e falou de sua experiência. Foi alfabetizado pelo o Sistema Braile e também prefere o livro, mas que encontrou muitas dificuldades quando fez suas duas graduações, em 1999, primeiro pela tecnologia não ser tão avançada quanto hoje e porque não existia livros em braile para estudar, a sua única saída era gravar seu próprio audiolivro em fita K7 ou lembrar do que era importante. Levantou a questão de que o Braile é muito necessário para exercitar a ortografia e usou como exemplo os concursos públicos, que uma pessoa ouvinte apenas dos audiolivros quando precisa escrever em braile encontra uma dificuldade por não dominar a ortografia, como a palavra “exceção”, não escrevemos como ouvimos.

As pesquisas feitas com os videntes e os não videntes foram muito importantes na construção das minhas futuras considerações finais, me fizeram entender que o audiolivro possibilitou a inclusão dos deficientes visuais na leitura, mas que não é o recurso ideal. Nós, videntes, temos uma opinião formada completamente diferente das experiências vividas por aqueles que são afetados diretamente com a falta de acessibilidade.

4.3 AVANÇO E INCLUSÃO

Esse subcapítulo foi pensado para mostrar como o mercado editorial melhorou em relação aos livros em braile, além disso juntar todos os avanços que foram criados ao longo dos anos em prol dos deficientes visuais. Há uma constante preocupação em incluir as pessoas que possuem algum tipo de deficiência, vemos essas questões englobadas pelos movimentos das "minorias" que estão ganhando força com o avanço da internet e com mais informação gerada para todos. Muitos autores abordam esse assunto em diversos períodos da história, mas hoje esse conceito está se difundindo devido a conscientização da população, que busca cada vez mais uma sociedade com oportunidades iguais e que seja acessível para todos.

Segundo André Marcos de Souza Araújo (2016) devemos pensar de maneira coletiva sobre o preconceito ainda existente, tanto quando se diz em relação à família dos alunos que não possuem portadores de deficiência, como das próprias famílias de portadores, que sentem receio em incluir socialmente seus filhos, por duvidarem, muitas vezes da capacidade deste. Isso se dá geralmente devido a tentativas frustradas que já vieram a ocorrer.

Pensando nessa inclusão, alguns projetos começam a surgir para dar a "normalidade" para a vida daqueles que são vistos como "prejudicados", primeiro por não possuírem a visão e segundo porque são pouco incluídos na sociedade, lembrando que inseri-los no meio social não é a mesma coisa que incluí-los[36].

O primeiro avanço que posso mencionar foi a impressora de baixo custo que produz textos em braile, criada por uma estudante brasileira. A invenção foi exibida no Prêmio Jovem Cientista 2019. De início para uma impressora comum, mas dá a opção de o usuário usar de diversas formas, podendo digitar o texto ou enviar usando o computador e/ou o celular[37], além de ser possível ditar as palavras, o conteúdo é transformado em braile e impresso automaticamente.

Para criar a impressora, a jovem gastou cerca de R$ 1 mil, podendo ser revendida em escala industrial por, no máximo, R$ 3 mil[38], facilitando a compra para futuras editoras (e também pessoas) que estejam dispostas à adquirirem o produto, um grande passo para produzirem futuramente mais textos e livros em braile.

---

[36] Explicado no subcapítulo 2.3.
[37] Deve enviar o arquivo via Wi-Fi ou Bluetooth.
[38] Um terço do valor das impressoras que estão no mercado.

O projeto ficou conhecido como “Fast Braile”. O intuito de Bruna[39] é de inscrever sua ideia em outras competições nacionais e também internacionais, para que o torne mais conhecido pelo público.

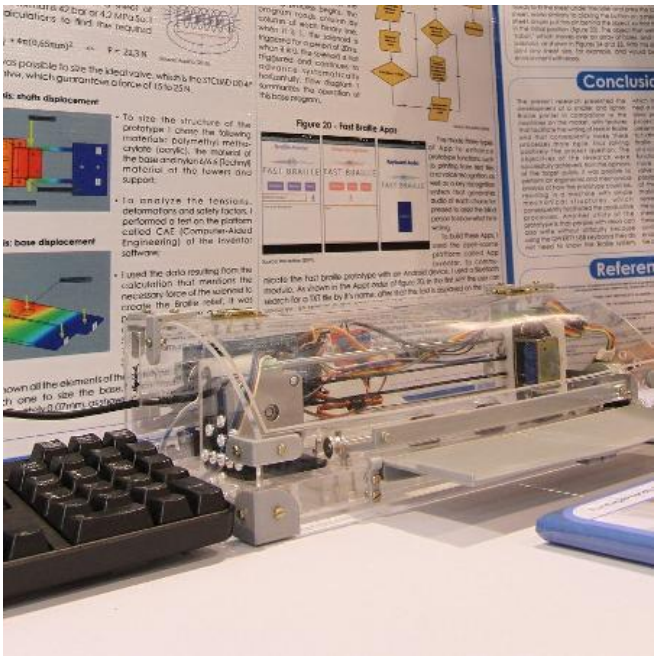

Imagem 26 – Foto da impressora criada por Bruna, o Fast Braile.
Fonte: https://razoesparaacreditar.com/tecnologia/impressora-textos-braile/

Mais um exemplo de avanço para a inclusão dos deficientes visuais foi a personagem da Dorina – chamada de Dorinha – que surgiu em 2004 na Turma da Mônica para simbolizar as crianças que são privadas de visão.

Dorinha aparece com roupas bem coloridas e alegres, um cabelo com corte moderno e seus óculos escuros; em uma das mãos segura uma bengala e na outra a coleira do seu cachorro Labrador que se chama Radar. É uma personagem amável e de fácil amizade, todos ficam impressionados com suas habilidades e sentidos aguçados[40], sempre muito ativa em suas atividades como judô, natação e futebol, há um sol sorridente perto dela nas histórias, que remete ao símbolo da própria Fundação. Os quadrinhos são populares por causa das histórias e também por serem responsáveis por educar as crianças pelo jeito que são abordados os assuntos. O livro foi chamado de “Como Dorinha vê o mundo” que tinha como intuito mostrar como é a realidade de uma pessoa com deficiência visual.

[39] Bruna da Silva Cruz, estudante e engenheira que criou a Fast Braile.
[40] Como o tato, olfato e audição.

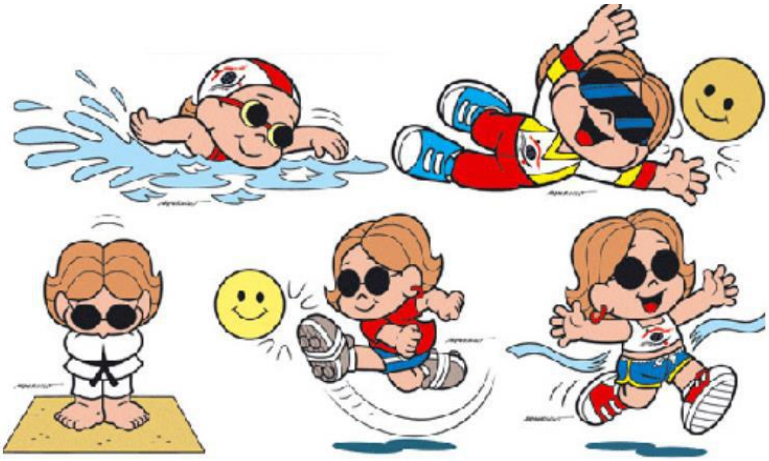

Imagem 27 – Ilustração da Dorina por Maurício de Sousa.
Fonte: https://saopaulosao.com.br/nossas-pessoas/1707-dorina-nowill-inspirou-mauricio-de-sousa-a-criar-dorinha,-personagem-da-turma-da-m%C3%B4nica.html#

Em maio deste ano a Fundação Dorina Nowill para Cegos e o Instituto Maurício de Sousa em parceria com o Fundo Municipal da Criança e do Adolescente (FUMCAD) criaram os quadrinhos da Turma da Mônica em braile. Com 24 páginas e fonte ampliada, a edição teve mais de três mil tiragens e foram distribuídas gratuitamente em mais de 500 escolas municipais de São Paulo.

A Bienal Internacional do Livro 2019 contou com uma oficina organizada pela FDNC com diversos jogos e brincadeiras promovendo a inclusão de diferentes crianças com o projeto chamado “Brincar Sem Fronteiras”.

Imagem 28 – Quadrinhos Turma da Mônica em versão acessível para deficientes visuais.
Fonte: https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/05/02/dorina-nowill-lanca-quadrinhos-em-braile-com-turma-da-monica.html

O terceiro e último exemplo que é essencial falar é sobre o design dos livros em braile, a designer Wanda Gomes desenvolveu um novo sistema de leitura para os cegos juntando seu conhecimento gráfico e estético com formas de inclusão. Seu trabalho já vem sendo moldado

desde 1997 – quando poucos ainda falavam sobre o livro em braile e inclusão – em conjunto com sua empresa social que é destinada à design inclusivo, sempre esteve motivada por conta própria, embora tenha sido muito perguntada ao longo dos anos se possuía alguém com deficiência visual em sua família.

Wanda Gomes (2017) faz isso por acreditar que o design tem ferramentas capazes de mudar paradigmas. Um deles é criar livros inclusivos que sejam tão bacanas quanto os convencionais.

Para que finalmente saísse do papel, demoraram cinco anos até que encontrasse apoiadores dispostos a embarcarem nas suas ideias, a nova tecnologia visa imprimir os pontos da escrita braile em diferentes formas, como se fosse uma nova fonte. Outra diferença entre o sistema convencional é a cobertura de verniz que protege os relevos contra o desgaste do uso com o tempo – o livro em tinta vira acessível com essa ferramenta, sem prejudicar os videntes e os não videntes –, para isso usa-se o Braile.Br[41].

O caminho percorrido não foi fácil, A tecnologia enfrentou algumas resistências – tanto das instituições quanto das editoras –, mas não desistiu. Wanda queria seguir sua profissão como designer, para isso passou a oferecer projetos inclusivos de livros para as editoras, que para a sua surpresa não imaginavam que um deficiente visual era um público com muito potencial e com grandes carências de produtos inclusivos, ainda mais quando o assunto é livro.

Suas respostas foram negativas. As editoras não estavam interessadas e outras não sabiam se esse projeto poderia dar certo. Como segunda opção procurou entender como funcionava a Lei Rouanet[42], por fim sua ideia foi bancada pela IBM[43] que patrocinou o lançamento da “Adélia Cozinheira”, livro infantil lançado em 2010 – impresso mais de 3 mil cópias que foram distribuídas em escolas, universidades e bibliotecas públicas –.

Para sua felicidade, o lançamento foi um sucesso e logo apareceram pedidos de pessoas que queriam comprar seu livro, mas infelizmente não era possível comercializar por falta de novas tiragens. No ano seguinte lançou o volume dois dessa coleção – Adélia Sonhadora – e em 2012 o terceiro volume[44] – Adélia Esquecida –, todos tiveram tiragens a mais para serem vendidas em avulso.

---

[41] Sistema inovador de impressão em braile – com relevos, texturas e aromas –.
[42] Lei Rouanet: Lei de incentivo à cultura, prevê formas de financiamento para eventos ou obras – como no caso de Wanda, os livros –. Grande parte dos recursos partem de empresas que funcionam como patrocinadoras.
[43] Companhia Americana de tecnologia e informação.
[44] Todos patrocinados pela IBM.

Wanda hoje em dia trabalha com pedidos via e-mail ou telefone, além de disponibilizar o livro para compra em algumas galerias que faz parceria. O custo de cada exemplar é de R$ 25, graças ao patrocínio que reduz o custo do preço final pela metade.

A coleção Adélia foi feita para o público infantil – crianças com diferentes graus de limitação –, por isso a designer tem todo um cuidado para produzir livros em Sistema Braile, cores, texturas, aromas e o texto normal. Os aromas conseguem deixar os leitores ainda mais envolvidos com os livros, Wanda ainda (2017) acrescenta, imagine… ela vai preparando as coisas, pica uma banana, prepara torradas, pega o suco na geladeira. A última coisa que ela pega são flores para enfeitar a mesa, e essa ilustração tem um cheiro suave de flor.

Algumas páginas contam com esse diferencial, o intuito é de levar o leitor em uma experiência sensorial completamente diferente de tudo o que ele já experimentou até hoje. Os aromas também estão colocados para servirem de lembranças, quando há uma cena em específico, acaba remetendo uma vivência, criando um vínculo ainda maior com a obra.

Wanda[45] ainda criou um livro inclusivo para o Museu Lasar Segall, de São Paulo, com obras em relevo, tentando aproximar e incluir o não vidente com a arte. A mesma hoje em dia ainda está envolvida em projetos culturais com empresas e instituições, projetos próprios e consultorias para editoras, totalizando 100% de seu faturamento.

Quando olho para trás, acho que devia ter sido mais ousada. Perdi muito tempo. Depois das negativas de editoras, me frustrei e deixei o projeto quase um ano na gaveta. Por pouco não desisti. (GOMES, 2017)[46]

---

[45] Entre 2012 e 2017 Wanda Gomes publicou 12 mil exemplares, sendo 9 mil de projetos próprios.
[46] Wanda Gomes em entrevista com Draft. Disponível em: https://projetodraft.com/imagine-criar-livros-com-sistema-braile-com-texturas-aromas-e-sensacoes-este-e-o-proposito-da-wg/. Acessado em: nov. 2019.

Imagem 29 – Coleção Adélia em livro inclusivo de Wanda Gomes voltado para o público infantil.
Fonte: https://www.ufrgs.br/iicd/2018/02/07/design-universal-livro-inclusivo-infantil/

Imagem 30 – Crianças tendo contato com os aromas dos livros da WG Produto.
Fonte: https://www.wgproduto.com.br/adelia

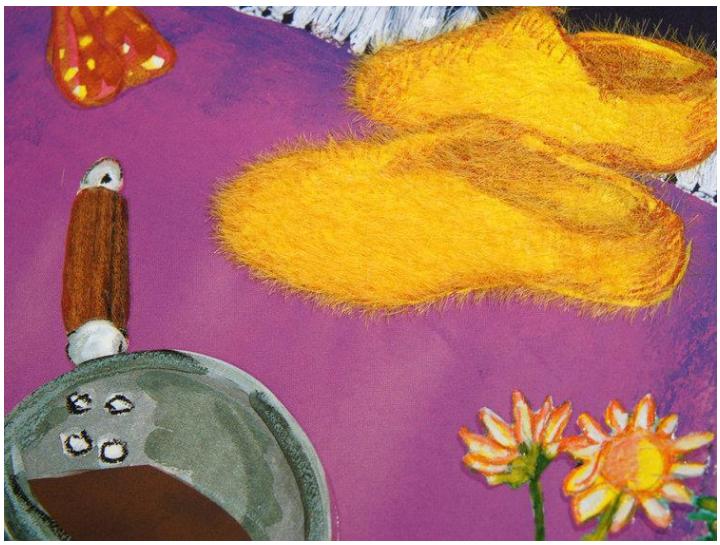

Imagem 31 – Detalhes do livro inclusivo da Coleção Adélia.
Fonte: https://www.wgproduto.com.br/adelia

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar nesse último capitulo e relembrar todo o percurso – de quase um ano – para montar esse trabalho, me faz pensar em muitas coisas. A primeira é que preciso ressaltar que a inclusão social dos deficientes visuais está no caminho certo, mas ainda há diversos obstáculos para serem vencidos.

Com base nas informações coletadas até aqui, entre elas teses, textos e pesquisas feitas com videntes e não videntes, posso certificar que o audiolivro é um instrumento de acessibilidade para os cegos, títulos que não são transcritos para braile muitas vezes estão disponíveis em formato de áudio. Mesmo que seja pouco divulgado no Brasil, a tecnologia e o investimento nesse setor do mercado editorial têm resgatado leitores que já não tinham mais o hábito da leitura por falta de tempo ou interesse.

Nas pesquisas que eu mesma elaborei, percebemos o grande abismo entre o uso dos audiolivros pelos videntes e pelos não videntes. Há uma resistência entre os que possuem o campo sensorial da visão, exatamente por receberem as informações pela visão e estarem acostumados com o método convencional de leitura.

Todo o trabalho foi desenvolvido em cima do mercado editorial em prol dos deficientes visuais, buscando entender como o Sistema Braile está inserido em suas vidas. Encontrei algumas dificuldades para achar livros nesse modelo, embora a Fundação Dorina Nowill para Cegos e o Instituto Benjamin Constant trabalhem de forma extraordinária e são referências para esse assunto, todavia não são capazes de atender a demanda de todo o país, não porque não possuem tecnologia de ponto para isso, mas sim porque existem áreas e pessoas que não têm acesso à este recurso, seja por falta de divulgação, dinheiro ou morem em locais que a informação é uma realidade distante.

Outra percepção que tive foi a questão da vitimização que a sociedade faz com os cegos, os tratam como se não fossem capazes de assimilar as mesmas coisas que nós assimilamos. Como mencionei no segundo capítulo, devemos quebrar os paradigmas impostos até hoje de que eles não têm as mesmas vontades e capacidades que nós videntes. A anormalidade da vida contrariada de um deficiente visual é construída a partir a nossa normalidade, que constrói um mundo sem acessibilidade.

Entretanto, para muitos videntes, o audiolivro deu mais informação para os não videntes, facilitando sua rotina. Sim, é verdade, mas não está completamente correto, sem o Sistema Braile o cego ou o indivíduo com baixa visão não é capaz de desenvolver sua ortografia e é o que vem acontecendo, os audiolivros diminuíram as leituras em braile. Conforme Regina Oliveira (2016) pontuou, não devemos permitir que o braile se torne um

objeto de vitrine, que muitos podem olhar, mas poucos podem tocar. Devemos lutar para que ele continue sendo uma ferramenta indispensável para a verdadeira educação de crianças e jovens com deficiência visual e para a satisfação de todos os que valorizam a autonomia, a independência e a cidadania.

Pontuando os audiolivros e os que perderam a visão mais tarde, esses são usados no processo de reabilitação da leitura, geralmente nesses casos muitos não conseguem aprender o braile – por ser difícil, por não se acostumarem ou por terem o uma negação causada pela nova vivência –.

Quando um não vidente se nega a usar o braile, é uma opção individual dele, mas quando esse indivíduo quer usar e não encontra disponível, o assunto passa de uma questão individual para um debate social. Como uma produtora editorial, tenho o dever de produzir informação acessível que possa atingir a todos.

Falar sobre os deficientes visuais ainda é um tema muito delicado e complexo, porque existem meios, tecnologias e conhecimento para que haja mais acessibilidade, mas vai além do poder, mexe também com o querer.

Para contribuir de forma completa para o meu trabalho, nos últimos três meses participei do curso de Acessibilidade na Universidade, proposto pela UFRJ, pude ver e sentir de perto os relatos de pessoas com deficiência – visual e física –. Quando não estamos envolvidos com este grupo, não fazemos ideia de como a vida e o mundo são feitos para apenas os que são considerados “normais”. Leis precisaram ser criadas para restaurar a dignidade e inserir estes indivíduos na sociedade e caso eles não fiscalizem se estão sendo cumpridas, não há a importância de faze-las valerem.

Os audiolivros não podem ser considerados o principal recurso acessível para os deficientes visuais, como abordado no trabalho, o braile é de extrema importância para a alfabetização e grafia. A leitura é essencial para a vida.

Posso dizer que o meu trabalho foi de grande sucesso e atingiu os objetivos iniciais. Muitos ajustes e investimentos podem ser feitos para melhorar a relação do leitor/ouvinte deficiente visual com os livros em braile e os audiolivros, basta que haja um esforço – ainda maior – em construir uma sociedade acessível. Não é preciso passarmos por essa experiência[47] ou que alguém perto de nós a tenha para pensarmos em soluções, o futuro quem faz somos nós.

[47] Perder a visão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, André Marcos de Souza. Educação inclusiva: quando a escola exclui ao incluir. In: Congresso Internacional de Educação Inclusiva, 2., 2016, Campina Grande. **Anais...** Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA5_ID21_26082016175250.pdf>. Acesso em 28 de outubro de 2019.

BODART, Cristiano. Teoria da Curva do Sino e a naturalização das desigualdades sociais. **Café com Sociologia**. 07. Jan. 2013. Disponível em: <https://www.cafecomsociologia.com/teoria-da-curva-do-sino-e-naturalizacao/>. Acesso em 28 de outubro de 2019.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6ª ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3114962/mod_resource/content/1/O_Normal_e_o_Patologico.pdf>. Acesso em 09 de julho 2019.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. 1ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007. Disponível em: <https://pedagogiafadba.files.wordpress.com/2013/03/texto-1-o-que-c3a9-deficic3aancia.pdf>. Acesso em 08 de outubro de 2019.

DORINA Nowill inspirou Mauricio de Sousa a criar Dorinha e agora ganha documentário. **São Paulo São**. São Paulo, 21. Jun. 2016. Disponível em: <https://saopaulosao.com.br/nossas-pessoas/1707-dorina-nowill-inspirou-mauricio-de-sousa-a-criar-dorinha,-personagem-da-turma-da-m%C3%B4nica.html#>. Acesso em 03 de outubro de 2019.

DORINA Nowill lança quadrinhos em braile com Turma da Mônica. **Meio e mensagem**. São Paulo, 02. Mai. 2019. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/05/02/dorina-nowill-lanca-quadrinhos-em-braile-com-turma-da-monica.html>. Acesso em 01 de novembro de 2019.

ESTATÍSTICAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL. **Fundação Dorina Nowil para Cegos**. Disponível em: <https://www.fundacaodorina.org.br/a-fundacao/deficiencia-visual/estatisticas-da-deficiencia-visual/>. Acesso em 02 de novembro 2019.

FARIAS, Suelen da Conceição. **O audiolivro e sua contribuição no processo de disseminação de informações e na inclusão social**, 2010. 23p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Graduação em Biblioteconomia), Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2010.

FORTE, Barbara. Estudante cria impressora em Braile para arquivo de texto e comando de voz. **UOL**. São Paulo, 01. Out. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2019/10/01/estudante-cria-impressora-em-braile-para-texto-comum-e-comando-de-voz.htm>. Acesso em 01 de outubro de 2019.

FREITAS NETO, Albérico Salgueiro. **Do Braile às tecnologias digitais de informação e comunicação: leituras e vivências de cidadãos-cegos, suas relações com a informação e com a construção do conhecimento**, 2006. 109p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8184/1/Disserta_Alberico_CienciaInforma_17_10_2006.pdf>. Acesso em 09 de agosto de 2019.

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. **IBC disponibiliza 30 novos títulos de audiolivros**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/noticias/614-ibc-disponibiliza-30-novos-titulos-de-audiolivros>. Acesso em 27 de setembro de 2019.

_____. **Livros em Braile**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/producao-de-material-especializado/2016-06-30-16-29-33>. Acesso em 27 de setembro de 2019.

_____. **Produção de material especializado**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/producao-de-material-especializado>. Acesso em 27 de setembro de 2019.

KOHN, Karen, MORAES, Cláudia Herte de. O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da sociedade da informação e da sociedade digital. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30., 2007, Santos. **Anais...** Disponível em:<https://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1533-1.pdf>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

MENEZES, Nelijane C., FRANKLIN, Sérgio. Audiolivro: uma importante contribuição para os deficientes visuais. In: CINFORM, 8., 2008, Salvador. **Anais...** Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewFile/3213/2337>. Acesso em 01 de outubro de 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **A fundamentação filosófica**. Brasília, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/fundamentacaofilosofica.pdf>. Acesso em 22 de setembro de 2019.

_____. **Grafia Braile para Língua Portuguesa**. 2ª ed. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/grafiaport.pdf>. Acesso em 22 de setembro de 2019.

MONTEIRO, Janete Lopes. Os desafios dos cegos nos espaços sociais: um olhar sobre a acessibilidade. In: ANPED Sul, 9., 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1081/64>. Acesso em 30 de outubro de 2019.

MOREIRA ALVES, Iana Oliveira. **Kit de complementação pedagógica para crianças deficientes visuais utilizando a tecnologia de impressão 3D**, 2018. 60p. Projeto de Graduação (Curso de Comunicação Visual), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MOREIRA, Carlos André. Editoras criam plataforma para impulsionar o audiobook no Brasil. **GaúchaZH**. Porto Alegre, 01. Jul. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2019/07/editoras-criam-plataforma-para-impulsionar-o-audiobook-no-brasil-cjxkzmy7f02ro01pkay45z8tj.html>. Acesso em 27 de julho de 2019.

MUNIZ, Carolina. Celulares dão força a novo mercado de audiolivros no Brasil. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 18. Jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mpme/2019/01/celulares-dao-forca-a-novo-mercado-de-audiolivros-no-brasil.shtml>. Acesso em 29 de outubro de 2019.

SAFATLE, Vladimir. **O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem**. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662011000100002>. Acesso em 02 de novembro 2019.

TREVISAN, Jaqueline. **Design editorial para deficientes visuais**, 2012. 88p. Trabalho de Diplomação (Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico) – Departamento de Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3006/1/CT_CODEG_2012_1_19.pdf>. Acesso em 27 de julho em 2019.

UPTON, Emily. **Como o braile foi inventado**. 2013. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/invencao-braile/>. Acesso em 18 setembro 2019.

VALENZA, Cecília. Imagine criar livros em braile, mas com texturas, aromas e sensações? Este é o propósito da WG. **Projeto Draft**. São Paulo, 26. Abr. 2017. Disponível em: <https://projetodraft.com/imagine-criar-livros-com-sistema-braile-com-texturas-aromas-e-sensacoes-este-e-o-proposito-da-wg/>. Acesso em 29 de julho de 2019.

VALLEJO, Anderson O. **O processo de produção de audiolivros no Instituto Benjamin Constant**, 2015. 85p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2015.

ZATZ, Lia. Prazer da leitura para as crianças, todas as crianças. **WG Produtos**. São Paulo. Disponível em: <https://www.wgproduto.com.br/adelia>. Acesso em 15 de outubro de 2019.